

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ALINE DE NONI DOS SANTOS

**ENSINO DA ARTE E CRIAÇÃO: PASSEANDO POR UM JARDIM DE CORES
VIBRANTES COM BORBOLETAS ESVOAÇANTES**

CRICÍUMA

2015

ALINE DE NONI DOS SANTOS

**ENSINO DA ARTE E CRIAÇÃO: PASSEANDO POR UM JARDIM DE CORES
VIBRANTES COM BORBOLETAS ESVOAÇANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICÍUMA

2015

ALINE DE NONI DOS SANTOS

**ENSINO DA ARTE E CRIAÇÃO: PASSEANDO POR UM JARDIM DE CORES
VIBRANTES COM BORBOLETAS ESVOAÇANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte

Criciúma, 25 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Izabel Cristina Marcílio Duarte - Especialista - (UNESC)

Prof.^a Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre - (UNESC)

Dedico esta pesquisa a Deus, a minha mãe Maria, aos meus irmãos Clarice, Cleonice, Alex, Berenice, Alan e Fernanda e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, acho que Ele ouviu e ouve todas as minhas orações me guiando para o que me fará bem, e de alguma forma trazendo ao meu encontro o que eu preciso sempre nas horas certas, me fazendo aprender com as dificuldades e felicidades que encontrei durante o caminho percorrido até este momento.

Em segundo lugar agradeço ao sol da minha vida, minha guerreira, meu exemplo de força e amor, minha mãe, minha Maria. Obrigada por ter me dado a vida, o bem mais precioso. Obrigada por ter me dado uma boa educação, por ter me criado para me tornar uma boa mulher e nunca ter me deixado faltar nada. Obrigada por sempre estar ao meu lado, por me amar apesar dos meus defeitos e me ajudar no que pode. Quero vencer na vida e lhe dar muito orgulho mãe. E eu te amo muito, apesar de eu não dizer isso muitas vezes.

Agradeço aos meus queridos irmãos Clarice, Cleonice, Alex, Berenice, Alan e Fernanda e aos meus dois sobrinhos, André e Henrique. Foi com vocês que aprendi a ser generosa, a compartilhar. Vocês que deixavam e deixam meus dias mais doces. Sei que enquanto vocês existirem eu nunca estarei sozinha. Só o que tenho a dizer a vocês é que eu os amo.

Quero agradecer também ao meu padrasto Angelino, que sempre me apoiou nos estudos e também me ajuda quando preciso. Você é a prova que não precisa ter laços de sangue para ser considerado da família. Sinto um enorme respeito e carinho por você.

Aos meus estimados cunhados Ludson e Cleiton, agradeço por fazerem parte da minha vida, vocês são como irmãos que a vida me deu. Desejo que sempre permaneçam em minha família. E obrigada por fazerem minhas irmãs felizes, a felicidade delas também é a minha.

Agradeço as minhas amigas da universidade Catarina, Silvana e Halbertina, vocês que compartilharam as agonias e as conquistas ao meu lado durante toda a graduação. Descobrimos e partilhamos muitos conhecimentos sobre o mundo da arte e também o da vida. As companhias de vocês deixavam minhas noites mais alegres. Sou grata por tê-las conhecido, vocês sempre serão lembradas por mim com muito carinho e espero que não percamos o contato.

Aos meus amigos Elenita, Leandro, Karla, Edyana, Alison, Israel, Mari, Santelino, João Paulo, Alcides, Tiago, Ulisses. Obrigada por todas as vezes que me roubaram sorrisos quando a vontade era de deixar cair lágrimas, por deixarem-me feliz quando me sentia triste. Vocês me proporcionam momentos de muita alegria. Estimo muito todos vocês. Sou grata por ter amigos tão valiosos. Que a nossa amizade perdure até o fim da vida.

Aos amigos que estão distantes deixo também meus sinceros agradecimentos. A passagem de vocês por minha vida com certeza deixará marcas, pois sempre aprendemos com o outro.

Agradeço a todos os meus colegas da universidade, que estiveram ao meu lado nesses quatro anos cursando Artes Visuais. Quantos momentos de tranquilidade e nervosismo, compartilhamos instantes quando achávamos que não íamos dar conta de tantas coisas que tínhamos que fazer, mas me recordarei muito mais dos risos e sorrisos quando conseguíamos alcançar nossos objetivos. Quero dizer que aprendi muito com vocês e que foi um prazer conhecer um pouquinho de cada um. O que vivemos juntos será inesquecível para mim.

A minha querida professora e orientadora Aurélia. Muito obrigada por me guiar nesta pesquisa, de compartilhar seus conhecimentos comigo e de me abraçar no fim de cada orientação. Você tem um papel muito importante na realização deste meu sonho. Recordarei de você com grande afeição.

Sou grata aos meus pequenos e amáveis alunos, que me fazem descobrir a cada dia a quão encantadora é a profissão de ser professora. Vocês me fazem sentir especial todas as aulas. Me motivam a querer ser uma boa profissional.

Enfim, agradeço muitíssimo a todos que estiveram ao meu lado nesta jornada e que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa e deste sonho. A todos vocês meu muito obrigada!

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam do sol brilhante,
E do negro véu da noite,
E da aurora cintilante.

Gostavam da branca nuvem
Em céu de azul espaiada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada.

Gostavam das vivas cores
De bela flor vicejante,
E da voz imensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!

Quadras da minha vida - Gonçalves Dias

RESUMO

A seguinte pesquisa tem como problema central: de que forma motivar os alunos à serem mais autorais no exercício de seu fazer artístico, considerando sua autonomia? A pesquisa foi realizada a partir das produções artísticas dos alunos, feitas nas aulas de Artes nos níveis da Educação Básica, sendo eles a Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio da rede pública da cidade de Jacinto Machado – SC. A partir das observações e dos registros fotográficos foi analisado o porquê da presença da cópia no fazer artístico desses alunos, o que fazia eles praticarem tal ação. Para fundamentar este estudo dialogo com teóricos que versam sobre arte, imaginação, criação e ensino da arte. Foi percebido nessa trajetória, de observações, pesquisas, e registros fotográficos, que se configuraram em uma cartografia, que o problema está num conjunto de ações, tanto do professor como do aluno. Esta investigação tem como base um olhar sobre a autoria e autonomia dos alunos em sala de aula. A pesquisa mostrou que para o aluno ser criativo e autor de suas produções, ele precisa ampliar seu repertório artístico e usufruir das várias possibilidades que a arte pode oferecer. E que o professor precisa propiciar momentos de imaginação oferecendo assim, espaço para que todos possam atribuir originalidade às próprias criações.

Palavras-chave: Ensino da arte. Aula de Artes. Desenho. Cópia. Criação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho pré-história utilizando a tinta natural, Educação Infantil.....	31
Figura 2 - Desenho pré-história com carvão mineral, Educação Infantil.....	32
Figura 3 - Desenhos com tinta guache, Educação Infantil.....	34
Figura 5 – Monocromia e tons, Ensino Fundamental I.....	34
Figura 6 – Policromia e ritmo no desenho, Ensino Fundamental I.....	37
Figura 7 – Desenho de memorização, Ensino Fundamental I.....	39
Figura 8 – Luz e sombra, Ensino Fundamental II.....	41
Figura 9 – Caricaturas, Ensino Fundamental II.....	42
Figura 10 – Cartum, Ensino Fundamental II.....	43
Figura 11 – Obra “arte no peito”, Luciano Martins, 2012.....	44
Figura 12 – Representação de uma camiseta disponibilizada pela professora e o uso da internet.....	46
Figura 13 a) – Desenho da aluna do Ensino Médio inspirados no artista Luciano Martins.....	48
Figura 13 b) – Imagem tirada da internet.....	48
Figura 14 a) – desenho dos alunos do Ensino Médio inspirados no artista Luciano Martins.....	48
Figura 14 b) – Imagem tirada da internet.....	48
Figura 15 a) – Desenho dos alunos do Ensino Médio, inspirados no artista Luciano Martins.....	49
Figura 15 b) – Imagem tirada da internet.....	49
Figura 16 – Desenho dos alunos do Ensino Médio, inspirados no artista Luciano Martins.....	49
Figura 17 – Desenho dos alunos do Ensino Médio, inspirados nas músicas do grupo O Teatro Mágico.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT- Admitido em Caráter Temporário

DCN- Diretrizes Curriculares Nacionais

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

PROUNI- Programa Universidade para Todos

UNESC- Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: UM FLORESCER	11
1.1. METODOLOGIA.....	14
2. O ENSINO DA ARTE: UM JARDIM DE CORES VIBRANTES.....	17
2.1. AULA DE ARTES: A LAGARTA, O RIO E A ROCHA.....	19
3. DESENHO, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: A LINHA QUE PASSEIA CRIANDO FORMAS.....	24
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS: METAMORFOSE	30
4.1. DA LAGARTA SE FORMA O CASULO E DO CASULO NASCE A BORBOLETA.....	30
5. A BORBOLETA: UMA AVENTURA POR VÁRIOS JARDINS - PROPOSTA DE CURSO.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EU BORBOLETEANDO	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE(S).....	61
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	62

1. INTRODUÇÃO: UM FLORESCER

A flor que desabrocha ao romper d'alva. Um giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda doce raio do sol que me dê vida
(Gonçalves Dias, In BANDEIRA, 1949, p. 79).

Quando criança pensava muito em como seria meu futuro, se ele seria bom ou ruim, se eu conseguiria realizar meus sonhos e objetivos. Eu não era o tipo de criança mimada, que tinha muitos brinquedos e abraços e beijos de minha mãe. Cresci em uma família humilde, sendo eu a quinta de seis filhos. Fiquei órfã de pai aos dois anos de idade, e hoje já crescida entendo que esses abraços e beijos não foram oferecidos não por minha mãe não ser amorosa, mas sim pelo cansaço de muitas horas trabalhadas durante o dia. Ela saía de casa ao amanhecer para trabalhar e chegava só ao anoitecer, isso para poder ter as mínimas condições para dar o necessário ao crescimento de seus filhos. Raramente tínhamos sua presença por muito tempo durante o dia, era uma vida difícil para ela naquela época, década de 90, sendo uma mulher jovem e já viúva com seis filhos para criar.

Eu fui criada desde menina para ser alguém forte e independente. Era mais madura em comparação às outras meninas da minha idade, tinha uma maior autonomia, me foi ensinado que nada na vida vem fácil, que se quisesse algo teria que me esforçar para ter, e se você está se perguntando se eu não sentia falta da presença de um pai e do carinho de minha mãe? Eu lhe digo que sim, sentia muita falta, o carinho e a presença dos pais para um filho principalmente na infância e adolescência é essencial, mas essa falta não fez com que eu crescesse uma criança triste, que não tivesse educação, ao contrário, via o quanto minha mãe era batalhadora e forte, aprendendo com ela a dar valor a tudo o que eu possuía e passasse a adquirir, sendo sempre uma boa aluna na escola, por que sabia que na escola aprenderia muitas coisas boas para meu futuro, me esforçando ao máximo em todas as disciplinas, porém lembro-me que eram nas aulas de Artes que me sentia mais a vontade, era o momento de minha liberdade de expressão e me sentia autônoma para pensar e realizar. Esta lembrança e sensação me remete ao pensamento de Elliot Eisner na fala de Almeida:

Eisner entende que, ao realizarem atividades artísticas as crianças desenvolvem auto-estima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e um pensamento mais flexível; também desenvolve o senso estético e as habilidades específicas

da área artística, tornando-se capazes de expressar melhor as idéias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e todo e a entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo. (ALMEIDA, 2001, p.14)

Além da importância da escola, da disciplina de Artes e outras, aprendi muito também com os meus colegas e professores sempre os respeitando, porque tinha a escola como minha segunda casa, meus colegas como meus outros irmãos e meus professores e professoras como segundos pais e segundas mães.

Falando o quanto minha mãe foi importante para mim, sempre quando penso nela, nos seus esforços e no quão guerreira ela foi, lembro-me de uma frase de Picasso, onde ele diz que *há pessoas que transformam o Sol numa simples mancha amarela. Mas há, também, aquelas que fazem de uma simples mancha amarela, o próprio Sol.* É assim que vejo minha mãe, uma mulher que transformou as manchas amarelas de sua vida em seu próprio sol, e seu sol refletiu de forma intensa e brilhante em seus filhos. Nós filhos nos orgulhando dela e ela orgulhando-se de nós seus filhos.

Todos necessitamos transformar as manchas amarelas que surgem em nosso caminho em algo que brilhe como o sol, pois é nas dificuldades que geralmente aprendemos as maiores e melhores lições/ensinamentos, onde temos que ser maduros e tomar decisões, fazer escolhas que envolvem nós e outros, formando nossa autonomia, pois pode ser que a autonomia nos ajude a sermos autores da nossa própria história.

Agora você deve estar se perguntando o porquê de eu relatar um pouco sobre minha infância e adolescência e da importância que teve minha mãe para mim. Para iniciar, desde criança sonhava em ter alguma profissão, e lembro-me que em minha infância muitíssimas vezes brincava de escolinha com meus irmãos e amigos. Como não tínhamos um quadro escolar de brinquedo fazíamos do guarda-roupa da minha mãe um quadro, pois ele era de madeira e de cor marrom, assim quando escrevíamos nele com o giz escolar branco as palavras ficavam nítidas. Na brincadeira eu sempre queria ser a professora, a que escrevia no quadro e ensinava, era uma das minhas brincadeiras preferidas, mas nunca imaginei que ao crescer e trilhar caminhos, os meus passos e minhas escolhas me tornariam a personagem preferida desta brincadeira.

Quando estudava no Ensino Médio pensava que nunca teria a oportunidade de fazer um curso superior, a cidade onde morava e ainda moro é pequena, sem universidades, lembro-me que geralmente eram os filhos de pessoas com melhor situação financeira que tinham maior oportunidade de estudar em universidades na época, média de oito anos atrás. Então comecei a me informar sobre as universidades mais próximas à minha cidade e as possibilidades de estudo que elas ofereciam. Então no terceiro ano do ensino médio fiz o ENEM e me inscrevi para a bolsa PROUNI nos cursos da UNESC – Criciúma e consegui passar e ganhar a bolsa para fazer o tão sonhado curso superior. Lembro-me que foi uma felicidade enorme para mim, minha mãe e meus irmãos e agora aqui estou finalizando o Curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Trouxe um pouco de minha experiência de vida por perceber que atualmente muitas crianças e adolescentes não dão valor em possuir uma mãe e um pai, irmãos, os sentimentos e principalmente o valor que tem a escola e o aprender. Parece que hoje é tudo tão mais fácil que os valores vão se perdendo, as crianças e adolescentes em uma boa porcentagem não mostram o respeito e interesse que o ambiente escolar merece, não se esforçando no pensar e no fazer em sala de aula, querem as coisas prontas e resolvidas, parecem ser mais dependentes de uma figura adulta em muitos aspectos, e no caso da disciplina de Artes isso interfere no desenvolvimento da imaginação, criatividade, no sentir, pensar e expressar, na sua autoria e autonomia.

No decorrer dos capítulos uso alguns poemas dos escritores Gonçalves Dias, Rubem Alves, Fernando Pessoa, fazendo um diálogo com eles e com a pesquisa. Escolhi poemas que falam de natureza, pois moro em cidade interiorana e me identifico e me encanto com poemas que me fazem recordar minha infância, adolescência, juventude, ou seja, do meio em que vivo. Com isso sinto maior prazer em escrever e os poemas me ajudam a percorrer esta cartografia com encontros que se abrem para a escrita da pesquisa.

O assunto abordado em minha pesquisa sobre arte surgiu por meio de minhas observações no terceiro estágio obrigatório do curso de Artes Visuais – UNESC, sendo que as observações foram feitas na Escola de Educação Básica Jacinto Machado, localizada na cidade de Jacinto Machado – SC.

Conversando com a professora da turma sobre as linguagens da arte e seus conteúdos, sobre problemas e dificuldades que a turma teria, ela me disse que

sente uma enorme dificuldade em trabalhar com os alunos da 3ª série do Ensino Médio o fazer artístico, pois eles são muito de copiar. A maioria dos trabalhos são cópias de imagens tiradas da internet, obras de arte, enfim. Claro que há várias técnicas aplicadas por artistas onde eles criam uma nova obra baseada em outra já existente, como é o caso do pastiche e da releitura. Um exemplo disso é o artista Duchamp e seus ready made, sua obra que contém a figura da Mona Lisa com bigodes, intitulada “*L.H.O.O.Q.*” (1919). Porém esta pesquisa se direciona a cópia fiel, onde o aluno não coloca nenhum tipo de criatividade, de autoria no exercício de fazer artístico, simplesmente segue fielmente trabalhos já feitos por outras pessoas. Segundo a fala de um aluno que ouviu a docente comentar este problema da cópia comigo, para ele *nada se cria, tudo se copia*, então pude perceber com essa fala, que muitos alunos de nossas escolas, atualmente, precisam refletir sobre arte e sobre a disciplina de Artes, assim como compreender qual a importância de ensinar e aprender a arte. Com base nestas reflexões apresento algumas questões que norteiam minha pesquisa: É possível desconstruir a ideia formada de que o exercício do fazer artístico só se dá (realiza) através da cópia? A cópia interfere, prejudica o ensinar arte? O aluno pode vir a ser mais criativo, autoral em suas produções artísticas com a ajuda do professor de Artes? A disciplina e o professor de Artes acrescentam na formação de sujeitos-autônomos? Quais possibilidades o professor de artes possui para enfrentar o dilema da cômoda ação de copiar? Como avaliar tal ação?

Para melhor responder a esses questionamentos realizei uma pesquisa de campo com turmas de alunos de séries diferentes que foram desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, pois acredito ser uma forma mais adequada para perceber se há realmente a cômoda ação da cópia no fazer artístico em cada grau de ensino, aprofundando-me no assunto aluno/professor, arte/fazer artístico e autoria/autonomia.

1.1. METODOLOGIA

Este estudo se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESC. A pesquisa nasce a partir de uma inquietação, questionamentos, dúvidas, assuntos que nos interessam, porém nos são desconhecidos, assim somos incentivados de alguma forma a investir numa busca.

Para Goldenberg (2004) a pesquisa científica exige, para que seja realizada com êxito, “[...] criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância” (p. 13). Segundo Minayo (2009) “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente a realidade do mundo” (p. 16).

Quanto à sua natureza esta pesquisa denomina-se básica e sua forma de abordagem é qualitativa, que para Minayo:

[...] responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2009, p. 21)

Classifica-se como exploratória por que: “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos (...)” (GIL, 1999, p. 43).

A realização da pesquisa se deu por meio de observações e registros fotográficos das produções artísticas de alunos de turmas de diferentes níveis de ensino – da Educação Infantil ao Ensino Médio, na busca de perceber o lugar da autoria e da autonomia, por parte dos alunos, no exercício de seu fazer artístico, assim como observar se, de fato, a cópia é algo presente e constante nas aulas de Artes. E, nesse caso, se afirmativo, procurar conhecer os motivos que levam os alunos a essa ação de copiar. Apesar de classificar a pesquisa de uma certa forma tradicional, optei por utilizar o método cartográfico de pesquisa, onde o caminho vai se construindo conforme o campo vai se apresentando e eu pesquisadora fui me constituindo. Segundo Honorato:

O termo cartografia, como possibilidade metodológica, surge com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) no texto em que escrevem a quatro mãos ainda na década de 80: *Mil Platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. É um conceito que assume-se implicado com a invenção e a criação, pois permite pensar uma pesquisa das multiplicidades que produz multiplicidades. Desenhar linhas, investigar territórios, perceber as margens e os deslocamentos, criar e estimular mudanças nas possíveis trajetórias (HONORATO, 2015, p. 20).

O movimento que percebi nas aulas de Artes, que observei durante o Estágio III, foi o de inquietude e preocupação da professora que me revelou que a cópia está presente com frequência na produção artística dos seus alunos. Uma constatação que reforçou minha intenção de pesquisa que traz como problema: **De que forma motivar os alunos à serem mais autorais no exercício de seu fazer artístico, considerando sua autonomia?**

O objetivo geral da pesquisa foi o de refletir sobre como motivar os alunos a serem mais autorais no exercício de seu fazer artístico, levando em conta os aspectos da autonomia. Já os objetivos específicos se apresentam como: Compreender a importância da disciplina de Artes na escola; investigar o motivo do desânimo da imaginação e criação na aula de Artes; discutir possibilidades de ação do professor de Artes no sentido de motivar seu aluno a ser mais criativo e autoral em suas produções artísticas, considerando sua autonomia; entender que a arte também não é só o fazer artístico, mas também um momento de reflexão, apreciação, um meio de crescimento (intelectual) humano; analisar o problema da cópia na disciplina de Artes com professores e alunos de uma forma qualitativa.

No primeiro capítulo trago a importância do ensino da arte com uma seção comentando sobre como ocorrem as aulas de Artes e as relações delas com o aluno, o professor e a escola. Trago também uma reflexão sobre os modelos impostos aos alunos que promovem o uso da cópia, assim como das limitações que o aluno tem na vida escolar. No segundo capítulo falo sobre o desenho, a imaginação e a criação, mostrando o quão relevante é o desenho para a arte e para os alunos, e a importância que tem a ação de imaginar e de criar. Após trago a análise de dados onde relato as observações que realizei na escola em aulas de Artes desde a Educação infantil até o Ensino Médio, promovendo uma conversa com autores que discutem o ensino da arte. Para finalizar, sem dar um fim, apresento minha proposta de curso em sintonia com as considerações finais que apontam, além de meu percurso teórico e de experiência, possibilidades de pensar a autoria e autonomia nas aulas de Artes.

2. O ENSINO DA ARTE: UM JARDIM DE CORES VIBRANTES

Era uma vez um velhinho simpático que morava numa casa cercada de jardins. O velhinho amava os seus jardins e cuidava deles pessoalmente. Na verdade, fora ele que o plantara – flores de todos os tipos, árvores frutíferas das mais variadas espécies, fontes cachoeiras, lagos cheios de peixes, patos, gansos, garças. Os pássaros amavam o jardim, faziam seus ninhos em suas árvores e comiam dos seus frutos. As borboletas e abelhas iam de flor em flor, enchendo o espaço com as suas danças (ALVES, 2010, p. 90).

O jardim é um lugar onde as pessoas geralmente se sentem bem. A arte também nos faz sentir bem. Um jardim tem uma enorme variedade de flores e de cores, assim como a arte que agrega uma variedade de linguagens. No jardim usa-se instrumentos para conservá-lo e deixá-lo formoso, assim como na arte usamos vários materiais para criar. No jardim as flores são diferentes umas das outras, e na aula de Artes cada aluno é diferente do outro. Por isso relaciono o ensino da arte com um jardim de cores vibrantes que iluminaram a história com seu percurso de conquistas.

O ensino da arte no Brasil passou a ser obrigatório no ensino formal na década de 1970, e foi sofrendo mudanças conforme o tempo e as necessidades de se ensinar e aprender arte. O conhecimento de arte é necessário. Além da importância de tê-lo na vida escolar, ele é relevante para a vida em sociedade, para compreender fatos cotidianos e rotineiros porque “as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento” (ALMEIDA, 2001, p. 32).

A arte educa. Fazendo e apreciando arte o aluno desenvolve sua cultura integrando ações que o permitem perceber, pensar, aprender, recordar, imaginar, sentir, expressar e comunicar-se com o mundo, além de oportunizar a ampliação da consciência crítica, da autonomia e da cidadania. Por isso necessita-se ter um respeito maior com a disciplina de Artes, pois nela não se aprende apenas a desenhar e pintar como é de costume reduzi-la. LEITE (2008) aponta que educação e arte devem andar juntas, sem que uma domine a outra, mas sim que se entrelacem.

A relação entre educação e arte, se não queremos vê-la reduzida à subordinação de uma pela outra, passa por compreender os processos de apropriação para que se ofereçam oportunidades significativas de experiência estética, de caráter dialógico, aos tantos sujeitos

contempladores, fugindo de modelos e de cópias, favorecendo sua ampliação de repertório (LEITE, 2008, p. 34-35).

Portanto, devemos pensar e articular a relação entre arte e educação por meio de ações que envolvam escola, aluno, professor e também comunidade. Aprende-se muito com a troca de saberes, estreita-se laços. Considero que a arte faz parte de todo ser humano, exploramos e conhecemos muito de nós, do outro e do mundo por meio dela, pois arte é expressão, transforma olhares, aprimora a sensibilidade e nos permite criar novas possibilidades para o já conhecido. Aproximar a educação e a arte é fundamental para aprofundar os aprendizados e experiências que ambos nos permitem obter. É um respeitar de cada área de conhecimento, tudo o que nos agrega é importante, como diz o poeta Fernando Pessoa *tudo vale a pena quando a alma não é pequena*

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p.19).

Com isso, penso que tudo o que está em nossa volta, em volta de nossos alunos, ajudam no aumento de saberes, enriquecendo nosso repertório para a imaginação e criação. Além dos aprendizados que vêm da escola, da disciplina de Artes e com o professor como figura principal, nossos conhecimentos vêm de muitos outros lugares, com outras pessoas, outras culturas, ou seja, em casa, na pracinha da cidade, no parque de diversão, numa exposição de arte, lendo um livro, jornal, internet, com pai e mãe, com os irmãos e avós, com os colegas de sala de aula e com os amigos fora da escola, isso tudo está inserido no nosso dia a dia, e temos que aprender a reconhecer que todos esses lugares, pessoas e costumes nos transformam e tudo o que experienciamos contribui de alguma maneira com nosso desenvolvimento pessoal.

É primordial ter a arte no currículo escolar. É fundamental conhecê-la e ensiná-la, pois ela está ligada a cultura. Trago Almeida (2001, p. 15) para assegurar minha afirmação. Segundo a autora:

[...] o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos.

A cultura é um conjunto de crenças, costumes, ideias, comportamentos, símbolos que foram adquiridos pelo homem pertencente a uma sociedade e esse conjunto perdura ao passar do tempo. Penso que a arte possibilita conhecermos a história de determinadas épocas e povos e é nosso dever preservar a cultura assim como a arte. Por meio delas podemos conhecer e encontrar a nós mesmos, nos constituindo como sujeitos, assim como nos diz Almeida. Acredito que preservando a cultura e a arte estaremos defendendo a história de outros e a nossa própria história.

2.1. AULA DE ARTES: A LAGARTA, O RIO E A ROCHA

O essencial é saber ver – mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!), isso exige um estudo profundo, uma aprendizagem de desaprender [...] procuro despir-me do que aprendi, procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu [...] (Alberto Caeiro in ALVES, 2010, p. 242-243).

Ao pensar na aula de Artes me vem logo uma sensação boa, de alegria, igual quando sentimos o cheiro de café recém coado e do chocolate quente em dias de frio que ao bebermos esquentam-nos e nos conforta, do cheiro de terra molhada no verão depois de muitos dias sem chuva, o ouvir do canto dos pássaros ao acordar, ver o orvalho na grama parecendo várias pedrinhas brilhantes aos primeiros raios de sol do dia, parece uma visão romântica da arte? Para mim, é assim que a aula de Artes deve nos fazer sentir, porém nem sempre é assim que acontece.

Tem-se o mau costume de relacionar o fazer e o aprender na escola como obrigação. A produção do aluno induzida pela famosa expressão “vale nota”. Inúmeras vezes ouve-se essa expressão tanto da parte do aluno como da parte do professor. Insere-se então a ideia de que tal atividade só é importante porque valerá uma nota, e não porque de alguma forma contribui com seu conhecimento cognitivo e sensível.

A aula de Artes deve gozar de momentos de descobrimentos e alegrias. Proporcionar ao aluno a liberdade de sentir os cheiros, os sabores, as texturas, o

som, o toque. Concordo com Almeida (2001) quando diz que os professores estão tão preocupados em “mostrar serviço” e demonstrar o quão importante a arte é, que “acabam impingindo aos alunos exercícios árduos, repetições exaustivas, propostas desprovidas de sentido para eles. [...] uma atividade que poderia ser prazerosa transforma-se em mais uma tarefa chata e obrigatória a ser cumprida” (p.19). Quando uso a palavra “prazerosa” na aula de Artes, refiro-me as questões do fazer artístico, do apreciar, do fruir, do sentir, do imaginar, do criar e do refletir sobre a arte. Do sentimento de liberdade que temos ao poder expressar por meio desta disciplina quando nos é dada essa oportunidade.

É claro que essa liberdade e esse prazer nas aulas de Artes devem ser acompanhados por acordos mútuos. Moderar é necessário para que as aulas não cheguem a se tornar uma bagunça, porém o professor não deve prender seus alunos querendo que façam tudo o que pede e do jeito que espera, não permitindo que seus alunos deixem de expor aquilo que pensam do modo que sabem fazer.

O professor precisa ser “como um observador atento e sensível, que sabe ler nos olhos e no silêncio de sus alunos, estará apto a desafiar e a esperar o processo de cada um” (ALBANO, 2010, p. 52), precisam primeiramente olhar para seus alunos e depois para os saberes e fazeres, porque ao ensinar constrói-se o sujeito, o aluno é o fim, e os saberes e fazeres são os meios. Necessita-se repensar a forma de lecionar, substituir essa ideia de obrigatoriedade por ações que propiciem o brilho no olhar dos alunos, práticas que lhes falte ar nos pulmões de empolgação, tornando-se uma aula alegre e de boa qualidade.

É difícil o professor executar as aulas de Artes com tamanho deleite? Acredito que seja difícil, pois nem sempre consegue-se agradar a todos os gostos e maneiras de ser e pensar, visto que em uma sala de aula no ensino básico trabalha-se em média com 20 a 30 alunos, um diferente do outro, cada um com suas prioridades e características, porém não é impossível, o professor e o aluno devem sair da zona de conforto e procurar por novos caminhos. Tornar as aulas de Artes em constantes descobertas, fazer com que os alunos se identifiquem com as possibilidades que a arte pode oferecer. Para Almeida (2001, p.19):

A alegria nas aulas de artes pode ocorrer de forma intensa em duas situações: uma, quando aos alunos é dado o direito de simplesmente experimentar, tatear, sentir o prazer de apenas explorar os materiais ou divagar entre ideias incipientes, sem o peso do compromisso de apresentar “para nota” um produto ao final da atividade; a outra, quando os alunos

realizam atividades capazes de despertar sentidos plenos para eles, e isso ocorre quando se identificam com a proposta de trabalho e se reconhecem como autores, quando constatarem que podem criar algo novo por meio de sua ação [...]. Infelizmente, com frequência, a escola abafa essas fontes intrínsecas de satisfação, substituindo-as por formas extrínsecas de premiação, usadas para motivar a atividade e para sustentar o “interesse”.

Com isso atrevo-me a dizer que a escola é uma grande potência limitadora, e essa limitação tende a crescer no decorrer dos níveis de ensino. Quanto maior o grau de ensino maior é a contenção dos alunos. As escolas em seus Projetos Políticos Pedagógicos geralmente citam a necessidade de procurar estabelecer e manter contato com os alunos e com o meio social em que vivem, proporcionando a liberdade de expressão, reflexão e criticidade, porém nem sempre isso se cumpre, pois há predeterminações no ensino escolar. O ensino na escola quando é predeterminado não permite abrangência, se tornando limitador, e quando se limita, principalmente ao ensinar arte, cria-se um abismo em relação a disciplina com o imaginar, o criar, o fruir, o expressar, o apreciar, o fazer artístico e a própria formação do sujeito, então a escola falha, falhando também o professor e junto o aluno.

Apesar de todos os esforços para o desenvolvimento de um saber artístico na escola, verifica-se que a arte – historicamente produzida e em produção pela humanidade – ainda não tem sido suficientemente ensinada e apreendida pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros. (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 17).

Isso acontece devido a um ensino da arte que, muitas vezes, não é oferecido ao aluno. Ao invés de dispor a ele um mundo a explorar o ensino fica fechado em uma caixinha. Apesar disso, a escola é tida como, e tem a obrigação de ser, um espaço de conhecimento, de aprendizagem e de relações entre sujeitos. É papel da escola contribuir na formação do estudante possibilitando a ele ser um cidadão crítico e reflexivo, autor e dono do seu próprio discurso. Além disso, é importante a escola dispor de uma boa estrutura física e oferecer um bom ambiente para melhor atender as necessidades de seus alunos. É indispensável também gerar ações no cotidiano regadas por uma boa relação entre escola, aluno, professor e arte, onde o professor de arte possa oportunizar momentos que encorajem o aluno a se expressar, criar, descobrir, libertando-os e os estimulando a procurar pelo aprendizado e conhecimento que lhes permitem crescer humanamente, experiências

que lhes deem prazer e tragam alegria, tocando-lhes de alguma maneira, porque o que nos toca deixa marcas e essas marcas são levadas conosco por toda a vida.

Como afirma Bondía (2002, p. 21):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

É indispensável ao estudante experiências novas e prazerosas, ou seja, conhecer o que lhes é desconhecido, fazer descobertas de outros mundos e passar a compreender que a arte oferece muitas possibilidades. A experiência que a arte pode nos proporcionar é única e não pode ser substituída por nenhuma outra área do conhecimento humano. Conhecer diferentes materiais, os artistas e os movimentos da arte, trabalhar as linguagens artísticas como o teatro, a dança, a música, a pintura, gravura, fotografia, o cinema, a escultura, o desenho. Cada uma das linguagens artísticas possui uma linguagem própria, proporcionando ao sujeito uma experiência única. Ensinar essas linguagens de variadas formas e contextos, sair mesmo da rotina e sempre ansiar pelo novo, pelo desconhecido, o professor surpreender a si mesmo e aos alunos. É preciso abandonar os hábitos cômodos, sair da costumeira aula em sala, entre quatro paredes, e deixar que o aluno conheça o vasto mundo lá fora, vá para o pátio da escola, faça uma saída de campo, mostre o que tem de arte nas ruas e na cidade onde se vive, a arte não está só nos livros com ilustrações das obras de grandes artistas ou em galerias e museus expostas em grandes quadros com suas belas molduras, faça relações da arte com o cotidiano, a cultura, o meio em que vivem os alunos, Oliveira (2005, p. 66) traz que “um professor não é competente porque “dá uma boa aula”. Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significados ao que ensina”.

Penso que existem professores e professores, escolas e escolas, alunos e alunos, ou seja, nem todos os professores tem hábitos de comodidade, muitos procuram por novidades que buscam incentivar os alunos a querer desfrutar do que lhe é ensinado. Nem todas as escolas são limitadoras. Tem as que se preocupam em formar cidadãos críticos e reflexivos, procuram participar e conhecer o meio em que seus alunos vivem. Esta postura torna a escola uma potência de formação.

A escola é uma rocha que o rio precisa contornar para seguir seu caminho chegando ao seu destino, esse rio é o professor que contorna as dificuldades para cumprir seu dever que é o de formar sujeitos críticos, reflexivos e autônomos e que o aluno faça a metamorfose, transforme-se de lagarta para uma borboleta que voa livre para viver experiências. Que a aula de Artes não seja, assim como diz Albano (2010, p.9) [...] associada à cereja que enfeita o bolo: atraente, mas facilmente descartada”, mas sim “pensar em arte na escola como o fermento que o faz crescer” como nos fala a autora Albano (idem, p. 11). Que a escola e o professor não queiram e não vistam a “alma” (usando a expressão do poeta Alberto Caeiro) dos alunos, que os deixe livres para aprender e mudar de opiniões, os conceda o sentimento do “ser eu” e que as aulas sejam de qualidade e organizadas, porém sem serem regradadas e limitadoras. E que a educação seja mais estimada e apoiada por toda a sociedade.

3. DESENHO, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: A LINHA QUE PASSEIA CRIANDO FORMAS

“Eu penso as mesmas coisas estranhas que você”, continuei. “Mas sei que são só pensamentos, nuvens brancas levadas por uma brisa. Sou dono deles. E com eles eu faço literatura da mesma forma como Bosch fez pintura surrealista. Mas os seus pensamentos são fortes. As nuvens brancas se transformam em nuvens negras, e chove, com trovões e relâmpagos, e você fica toda molhada. Você não é dona deles. Eles são mais fortes que você... você fica ‘possuída’ por eles...” (ALVES, Rubem, 2010, p. 84).

Inicialmente o desenho não era considerado arte, mas sim uma ferramenta mecânica para auxiliar no desenvolvimento de uma obra. Ao passar dos anos, no período renascentista foi onde o desenho passou a ser valorizado, deixando de ser uma ferramenta mecânica e passando a ser um elemento fundamental da obra. Porém nem todos os artistas compartilhavam da mesma opinião, sendo que alguns deles defendiam que o desenho era apenas uma forma de expressar a ideia, mas não considerado a ideia em si. Derdik (2004, p. 20) afirma que “o desenho como linguagem para arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão”. Considero o desenho como sendo uma forma de escrita do pensamento de quem o produz, uma maneira de falar, se expressar através de pontos, linhas e formas. Nele há essência, definição. Ao criar por meio da linha surgem-se elementos que dialogam entre si e ao mesmo tempo, a todo momento se transforma em outra coisa. Segundo Derdik:

O desenho não é uma mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação elaborando correspondências, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito (DERDYK, 2004, p. 112).

O desenho está ligado ao intelecto. Assim como traz Mario de Andrade (1975, p. 71), “[...] o desenho [...] é essencialmente uma arte intelectual, que a gente deve compreender com os dados experimentais, ou melhor, confrontadores, da inteligência”. O desenho sendo assim, uma forma visual de demonstrar o pensamento. No período pré-histórico o homem já praticava o exercício da imagem, porém essas imagens não são consideradas como desenho porque geralmente

eram representações do seu cotidiano, não tendo a intenção de interpretação da ideia, mas tem um valor próximo.

Apesar de o desenho existir já há muito tempo ele só passou a ser visto como uma linguagem autônoma a partir do Modernismo, quando passa a ser analisado pelos meios de expressão da arte.

O desenho não deve ser menosprezado como simples fazer de linhas com lápis em uma folha branca. Na disciplina de Artes é importante mostrar como o desenho é uma linguagem relevante, pois os alunos ao desenharem expressam sentimentos e pensamentos, fazendo interpretações do que veem dialogando com o meio em que vivem, produzindo símbolos, signos, marcas, por que como nos lembra Derdik (2004, p. 24):

O desenho, enquanto linguagem, requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.

Os alunos desenharam suas vivências, experiências, acontecimentos do cotidiano e coisas de sua preferência, aquilo que gostam e lhes dão alegria e o que lhes é significativo, assim conhecendo a si mesmo e o mundo. O desenho também possui dimensão estética e poética como nos diz Leite (2004), portanto cada um tem sua própria maneira de desenhar, pois cada ser humano tem um olhar distinto, o que percebe pode passar despercebido por outros. E em cada fase da nossa vida (infância, adolescência, juventude e adulta) os desenhos vão se diferenciando, se diferem porque em cada fase mudam as nossas prioridades, gostos, meio em que vivemos e passamos a adquirir mais conhecimento e fazemos muitas outras descobertas, experimentações e os desenhos passam a ser aprimorados.

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento (DERDYK, 2004, p. 29).

Para desenhar precisa-se também aguçar a imaginação e ter o processo

de criação e a arte se mostra como um espaço livre para a realização desses dois elementos que acontecem por meio do fazer e da experiência. Cada um possui um jeito único de significar o mundo, a realidade que vive, as relações que estabelece com a arte e seu modo de criação. É importante criar porque através da criação exercitamos nosso poder de decisões, assim como nos diz a autora Almeida:

Ao realizarem atividades artísticas, os alunos também aprendem que o processo de criar requer decisões. Toda criação envolve muito mais uma atividade de exploração, invenção e tomada de decisão do que o conformismo à regra. Numa atividade criativa, os alunos (mesmo as crianças menores) precisam constantemente avaliar a adequação e qualidade de seu trabalho e, no processo, aprender a fazer julgamentos em situações na quais os modelos estão ausentes. O que não é um feito pequeno, já que o foco da avaliação passa do externo para o interno. Dessa forma, aprendem a confiar em sua sensibilidade e percepção para determinar a adequação do que criam. Infelizmente, nem sempre isso acontece, frequentemente, professores de artes impõem modelos, em vez de ajudarem os alunos a estabelecer critérios para fazer seus próprios julgamentos (ALMEIDA, 2001, p. 21).

Eu penso e pontuo mais uma vez que, para que os alunos sejam mais autônomos e possam criar os professores precisam deixar os modelos de lado. O professor não pode cobrar que seu aluno seja autoral, que crie novidades se é ele mesmo quem, às vezes, dá os modelos para eles seguirem. Porém temos a clareza que a escola/professor não tem obrigação de formar artistas, mas sim apresentar ao aluno as várias possibilidades da arte.

Acredito que no ato de criar é necessário ter autoria, ser autor daquilo que se faz. Pôr as próprias marcas, características, conhecimentos e a sua história em tudo aquilo que se realiza, se produz. Quando se é autor passamos a nos reconhecer naquilo que produzimos, sentir que tem algo de nós em nossas criações. Para isso, pontuo mais uma vez a importância da ampliação de repertório. Esse repertório deve ser construído desde a infância, sendo que o professor de Artes pode proporcionar através de atividades e conteúdos a abertura desse leque de conhecimentos onde o aluno possa ser tocado. Com isso o aluno pode explorar o mundo que conhece, quanto maior esse mundo, quanto mais experiências, mais fácil será para o aluno expressar-se autoral e criativamente. Para isso Leite (2004, p. 36) nos diz que:

É preciso estar atento às coisas e, ao mesmo tempo, deleitar-se em distensão. Por isso, é tão importante olhar o mundo com um olhar mais

aguçado, mas em contínua tensão com o (des)observar, (des)atentar, num diálogo permanente e ininterrupto entre cognição e afetividade.

Só se pode ser autoral quando se possui autonomia. Para que um aluno se torne um sujeito-autônomo ou desenvolva sua autonomia, além do querer que vem de si, ele necessita da ajuda de outros, que em sala de aula essa motivação tende a vir geralmente do professor. No caso do professor de Artes esse incentivo vem através da sua prática cotidiana, do modo que ele valoriza a arte e seu ensino. Para fazermos criações autorais carecemos de autonomia porque é ela que nos possibilita ter a liberdade de decisão e de fazer escolhas.

Acredito que para que o aluno desenvolva melhor o ato de criar necessita da estimulação dos cinco sentidos, como nos diz Albano (2010, p. 53)

[...] o primeiro passo do trabalho deverá ser proporcionar experiências significativas. Levar os alunos a passear o olhar, reconhecendo, como observadores atentos, o meio em que vivem. A escola, o bairro, a cidade, a família, com suas formas, cheiros, cores e sabores [...].

É necessário também a interação com as pessoas, pois todos possuem conhecimento e informações para oferecer, como a família, os amigos, os professores, os artistas e demais profissionais. Também conhecer outras áreas do saber, esses elementos que fazem parte do nosso cotidiano e quando se comunicam e se associam nos somam conhecimento e nos ajudam na criação artística pessoal. Além disso, é de máxima importância que o aluno seja capaz de pensar sobre aquilo que cria, refletir sobre sua produção artística, qual seu significado e contribuições para si e para outros. O professor precisa fornecer suporte para que isto aconteça, pois somente desta forma o aluno passará a pensar a arte como modo de criação, reflexão, conhecimento e, principalmente, como fonte de aprendizado se tornando capaz de estabelecer relações entre a arte e outros modos de saber.

Além de experiências significativas, para criar o aluno precisa de um espaço e de materiais diversos. O espaço geralmente é a sala de aula, nem todas as escolas tem em sua disponibilidade ateliês de arte. Porém o mais válido não é se esse espaço é um ateliê ou uma sala de aula, mas sim se é um lugar aconchegante e organizado. Já os materiais são importantes ter de vários tipos na hora da criação, folhas, lápis, pincéis, tintas, linhas, espátulas, telas de diferentes tamanhos, cores, espessura, texturas porque como nos lembra Albano (2010, p. 55):

[...] as ideias, assim como as emoções, têm tamanhos e cores variados, conforme o dia ou o sujeito que se expressa! E o ateliê precisa estar preparado para acolher o coração que explode de alegria ou de raiva, ou se encolhe de dor ou medo. O grito e o sussurro.

A criação surge de um momento particular, de devaneio, do que traz no íntimo em si. Na criação é indispensável a prática da imaginação. Para Ferreira e Silva (2001, p. 150) “a imaginação é uma atividade mental vinculada com a realidade que tem significado e sentido [...] A imaginação recria o já existente e o vivido”, portanto ao imaginar cria-se outra realidade. Deixar a imaginação fluir e pôr no papel, em uma tela, em um muro ou em outros lugares é a forma que encontramos para poder criar. Segundo Barbosa (2007, p. 132):

Imaginar, de acordo com os dicionários da língua portuguesa, significa construir ou conceber na imaginação, isto é, fantasiar, fabular, idear, inventar, ter alguma ideia ou representar na imaginação. Pensar, matutar, cismar. Também *fantasiar* é algo visto como criar na fantasia, imaginar, idealizar. Pensar vagamente em algo; sonhar devanear. Fazemos isso todo dia, ainda mais, o dia inteiro, sejamos adultos ou crianças. [...] O imaginário não está fora da vida, não é uma entidade que paira acima do real, é uma capacidade de compor e recompor o real. Tal como os conhecimentos sociais e os conhecimentos científicos, ele é alimentado para poder crescer.

Todos têm a capacidade de imaginar, tanto as crianças quanto os adultos, porém as crianças são mais aptas a essa ação do que os adultos, demonstrando isso frequentemente. Elas não criam limites entre realidade e imaginação, para elas a imaginação e a realidade são coisas muito próximas. Já os adultos parecem não ter espaços e nem tempo para poder deixarem-se levar pela imaginação. A vida é sempre tão corrida, tão rotineira, tão cheia de responsabilidades, que quase tudo o que acontece ao redor passa despercebido e não brincam de imaginar com os fatos do dia a dia como as crianças fazem. Barbosa (2007, p. 132) diz que “a criação e a imaginação são características de todos os seres humanos e “vitalmente necessárias”. Para confirmar que imaginação e realidade tem grande proximidade, como falo acima, trago as palavras de Jobim e Souza (1994, p. 147), onde diz que:

Na perspectiva do senso comum, imaginação e fantasia se fundem com o irreal, com aquilo que não se ajusta a realidade e que, portanto, carece de valor prático e de racionalidade. Essencialmente, esclarece Vigotsky, essa definição pode ser contestada quando admitimos que a imaginação, sendo a base de toda atividade criadora, manifesta-se igual em todos os aspectos

da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Nesse sentido, tudo o que nos rodeia e tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura (com exceção do mundo da natureza), tudo é produto da criação e da imaginação humana. Portanto diz Vigotsky, todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, são como *fantasias cristalizadas*.

Com isso, acredito que sempre haverá o que criar, por que somos seres que tem o poder de imaginar e realizar.

Penso que apesar de as crianças usarem mais a imaginação do que os adultos, os adultos têm maior capacidade de serem imaginativos e criativos, pois o poder de imaginação aumenta conforme o crescimento de cada ser humano, com aquilo que conhece e aprende, das experiências que vive. O leque de conhecimento de uma criança é muito menor do que a de uma pessoa adulta, porém os pequenos não têm vergonha de fantasiar ao contrário dos grandes. Claro que os adultos devem ter o pé no chão, porém na hora de criar é necessário deixar-se levar pela imaginação.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS: METAMORFOSE

Trago a seguir as observações das aulas de Artes em duas escolas, uma municipal e outra estadual, do município de Jacinto Machado, essas observações foram realizadas entre os meses de setembro e outubro do ano de 2015. Apresento aqui registros fotográficos das produções artísticas dos alunos das turmas dos diferentes níveis de ensino – da Educação Infantil ao Ensino Médio, seguidas de reflexões minhas conversando com alguns autores que utilizei na estruturação de toda escrita desta pesquisa.

Início a escrita relatando como foram as observações na Educação Infantil, depois no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e por último no Ensino Médio. As imagens que trago foram selecionadas a partir de um olhar particular que tive para a cópia e para a criação. Também apresento em itálico algumas expressões que ouvi dos alunos durante o tempo que estive com eles na escola, pois acredito serem significativas neste processo de investigação. Ressalto que nesta pesquisa foi utilizado o método cartográfico onde o caminho foi se construindo à medida que fui caminhando.

4.1. DA LAGARTA SE FORMA O CASULO E DO CASULO NASCE A BORBOLETA

Na Educação Infantil, acompanhei as aulas de Artes que abordaram os conteúdos sobre a arte na pré-história e as diferenças entre tinta guache e tinta aquarela por meio da experimentação com os dois tipos de tinta.

Ao apresentar a pré-história para os pequenos, a professora passou um pequeno trecho do filme intitulado “Os Croods”¹ e lhes explicou de uma forma que pudessem entender como os homens pré-históricos faziam as imagens nas cavernas e o que utilizavam para isso. O próximo processo foi a experimentação de fazer um tipo de tinta natural, onde juntamente com os alunos foi feita uma mistura de terra, água e cola num copo plástico, assim dando a possibilidade ao aluno de

¹ Os Croods é um filme de animação que acompanha a atrapalhada e divertida aventura da primeira família que já habitou a Terra, enquanto eles partem em busca de uma nova casa, depois que a caverna do clã foi destruída. O que os Croods não sabiam era que além das pedras da caverna, existia um mundo novo e fantástico, que mudaria suas vidas para sempre. Fonte: <http://www.oscroods.com.br/>

conhecer e aprender como podem fazer a tinta natural, semelhante ao modo que os pré-históricos faziam.

Depois de misturarem os ingredientes e fabricar a tinta natural, a professora recortou e colou com fita um pedaço de papel pardo na parede da sala de aula e deu um copinho com a tinta e pincel para cada aluno desenhar o que eles entenderam sobre a pré-história. E assim o fizeram.

Depois de feito o desenho, a professora pediu para que todos os alunos contemplassem a produção realizada por eles e dissessem para os demais colegas o que eles tinham desenhado.

As crianças trouxeram então as seguintes falas:

_ Eu fiz um homem da pré-história, igual ao do filme. (Mais de um aluno)

_ Eu fiz a casa que os homens pré-históricos moravam que mostrava no filme.

_ Eu fiz uma árvore!

_ Eu fiz um sol, olha aqui que bonito! (E mostrou o sol feito por ele para os colegas e professora)

_ Eu fiz uma boneca!

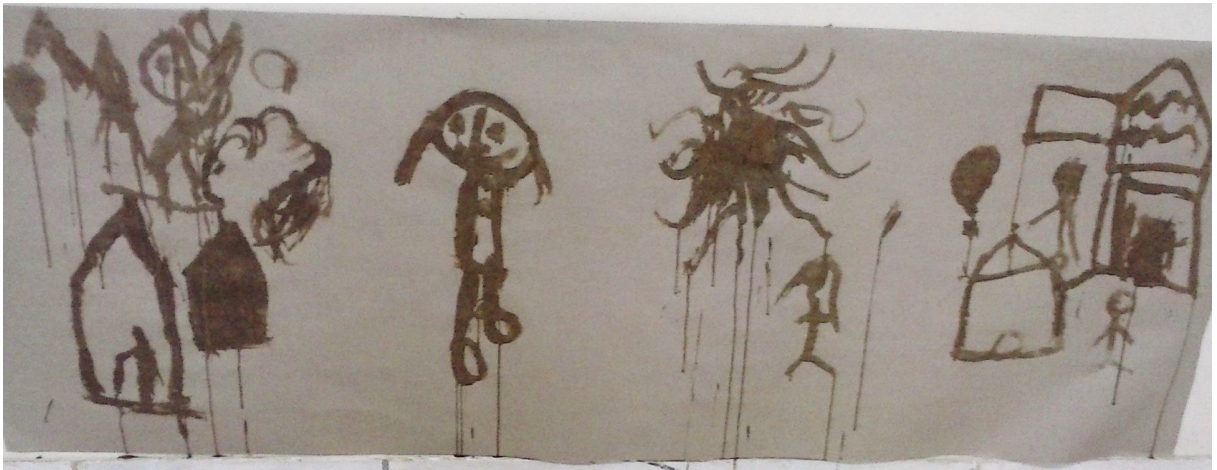


Figura 1 – Desenho pré-história utilizando a tinta natural, Educação Infantil.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Depois desta atividade a professora distribuiu pedaços de carvão vegetal – esses que compramos para fazer churrasco nos domingos - aos alunos para que eles pudessem desenhar em seus cadernos de desenho ainda sobre a pré-história. Os alunos ficaram admirados de poderem desenhar com carvão, não tinham tido essa experiência anteriormente e ficaram um bom tempo mexendo e olhando para o

pedaço de carvão que foi lhes dado. Teve até uma criança que perguntou para a professora:

_Posso mesmo desenhar no caderno de desenho com carvão?

Quando fez a pergunta para a professora estava expressando insegurança no rosto. Então a professora respondeu afirmativamente. E o aluno rapidamente começou a desenhar empolgadamente. As imagens a seguir mostram alguns dos desenhos feitos pelos alunos.

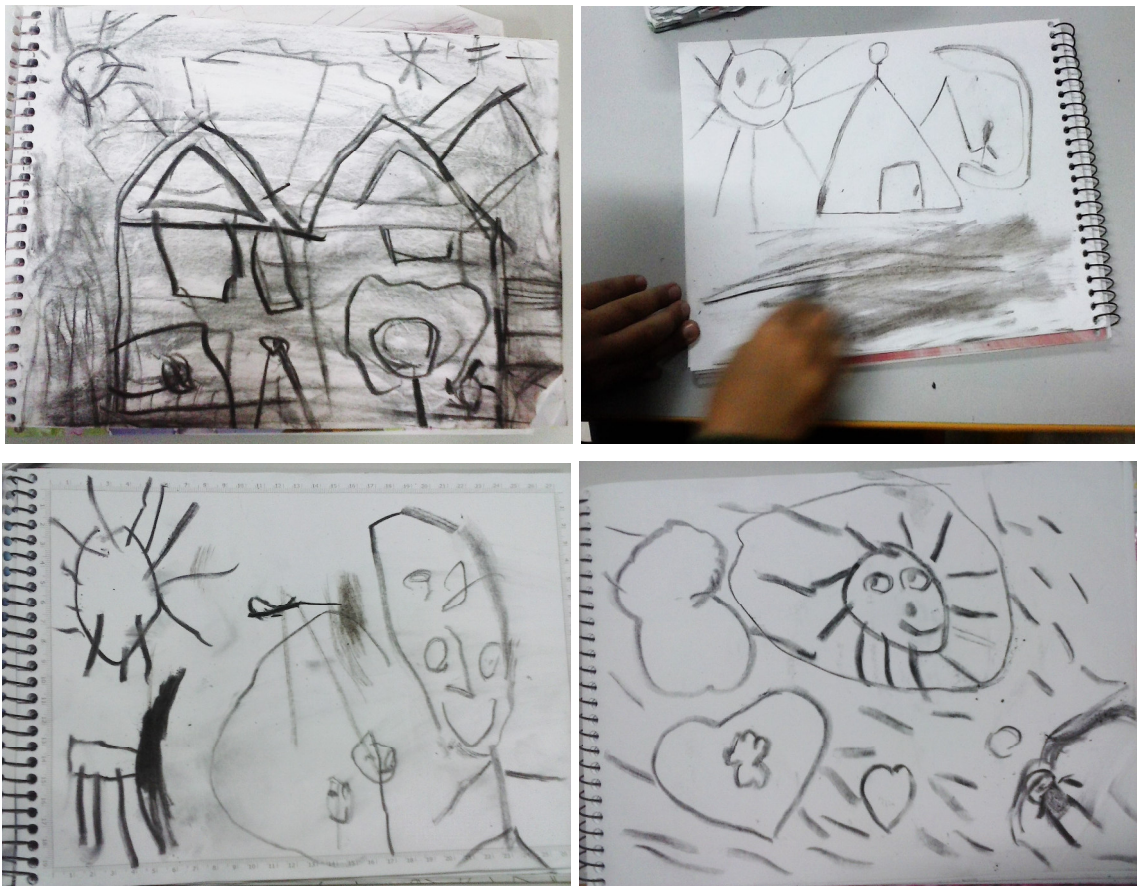


Figura 2 – Desenho pré-história com carvão mineral, Educação Infantil.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Nas duas semanas seguintes a professora trabalhou com os pequenos a tinta guache e a tinta aquarela, fazendo-os perceberem a diferenças entre as duas. No primeiro momento a tinta trabalhada foi o guache, pois eles já a conheciam. Percebi que as crianças adoravam pintar com o guache, pois quando descobriram que iriam mexer com a tal tinta muitos gritaram *Obaaaa!*

A professora solicitou que fizessem um desenho para depois poderem pintá-lo com a tinta guache. E assim o fizeram. Aqueles que iam terminando de desenhar a professora ia disponibilizando as tintas e os pinceis. E os alunos passavam então a pintar seus desenhos.

Em outro momento a professora trabalhou a tinta aquarela, os alunos fizeram o mesmo processo com a tinta guache, onde desenharam algo para depois pintar com aquarela. Depois que todos tinham terminado de desenhar a professora explicou e mostrou aos alunos como funcionava a tal tinta que os alunos não conheciam. Ela pegou um lápis aquarela e riscou fazendo círculos com algumas cores separadamente em uma folha sulfite e com um pincel molhado em um pouco de água mostrou aos alunos como fariam a tinta aquarela. E mais uma vez as crianças ficaram surpresas com o que passaram a conhecer, dando gritinhos dizendo: *Que legal!*

A professora chamou à sua mesa um aluno por vez para escolher as cores que queria pintar seu desenho e fez círculos com o lápis aquarela em cores diferentes nas folhas como fez na explicação, depois deu um pincel, um copo de água e papel toalha para os alunos poderem secar os pincéis quando desejassem mudar de cor. As crianças sentavam-se em suas carteiras e começavam a pintar como a professora tinha lhes ensinado. Nas figuras abaixo estão algumas das produções com as tintas guache e aquarela.





Figura 3 – Desenhos com tinta guache, Educação Infantil.
Fonte: Acervo da acadêmica.



Figura 4 – Desenhos com tinta aquarela, Educação Infantil.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Notei nessas atividades que as crianças se sentiram com liberdade para desenhar o que gostavam e da forma que sabiam. Ficaram muito surpresas e entusiasmados em muitos momentos nas atividades, pois nelas descobriram e vivenciaram muitas coisas desconhecidas. Já dizia Rubens Alves (2010, p. 47) que “os olhos da criança vão como borboletas, pulando de coisa em coisa, para cima, para baixo, para os lados, tudo é espantoso, tudo é divertido”. Como que com terra,

água e cola poderia ser feito tinta? E com um lápis de cor e água formar uma tinta diferente? Isso me faz lembrar das palavras da autora Albano, já citada nesta pesquisa, onde diz que:

As atividades nessa fase devem ter como *objetivo* proporcionar uma variada gama de *experiências sensoriais* que permitam *ampliar o conhecimento* que a criança tem *do ambiente* e de sua *capacidade de agir* sobre os objetos. Precisam *manusear* diferentes materiais explorando suas qualidades: o macio e o áspero, o grande e o pequeno, o quente e o frio etc. *Explorar* várias possibilidades de riscar, marcar, modelar, pintar em diferentes superfícies: chão, madeira, papel, tecido, areia, cimento, terra. (ALBANO, 2010, p. 59)

Podia-se ver no semblante das crianças que foram experiências novas e significativas, descobertas de coisas que não tinham conhecimento. E na infância, nessa fase onde tudo é novo as atividades tem que dar conta. E acredito que essas experiências que a professora proporcionou nestas aulas com a Educação Infantil foram de grande proveito e aprendizagem para os pequenos.

No Ensino Fundamental I, foram trabalhados os seguintes conteúdos: monocromia, policromia, tons, ritmo no desenho e tipos de desenho – memorização, observação, desenho criativo (livre e dirigido). Relato inicialmente como aconteceu os dois primeiros encontros e após faço uma análise deles, pois aconteceram movimentos parecidos em ambos.

Na minha primeira observação a professora passou no quadro um pequeno texto sobre o que era monocromia, policromia e tom, esperou que os alunos copiassem e após explicou a eles o conteúdo. Depois de ter dado a explicação, a professora pediu aos alunos que em seus cadernos fizessem um desenho livre, poderiam fazer o que desejassem e depois de terminado iriam trabalhar a monocromia e os tons em seus desenhos. Os alunos começaram então a trabalhar, criando imagens através de linhas. Ouvi que alguns falaram para professora que não sabiam o que desenhar, e os mesmos levantavam-se de suas mesas uma vez ou outra e iam até a mesa do colega.

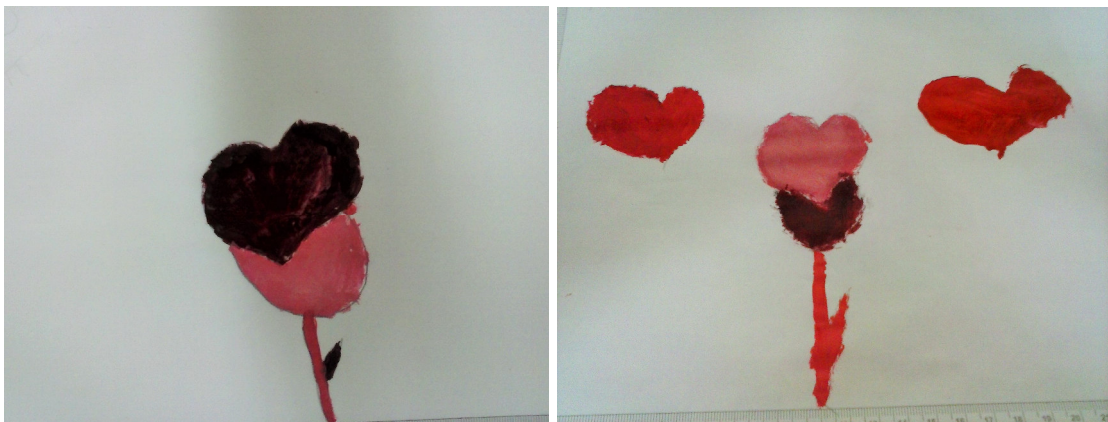
Andei pela sala de aula para ver como os alunos estavam se saindo em suas criações, então percebi que alguns deles faziam o mesmo desenho que o outro colega da sala já tinha feito. As idas de suas carteiras até as carteiras dos colegas eram para ver o que o colega estava desenhando para desenhar igual. Então

indaguei a alguns alunos o porquê de eles estarem praticando tal ação. E eles me deram respostas como:

- _ *Porque eu achei o desenho dela bonito e fiz igual.*
- _ *Porque eu vi ele fazendo um carro, aí fiz também.*
- _ *Eu não sei desenhar, tudo que eu faço fica feio.*

Com as respostas deles fiquei imaginando o conceito que eles tinham de feio e bonito, do que é saber desenhar, e se existe uma maneira certa de desenhar. Para mim cada um tem uma forma diferente de desenhar, assim como somos diferentes uns dos outros fisicamente e intelectualmente, cada um possui preferências e gostos distintos, claro que muito de nós se modifica ao passar do tempo. A cada conhecimento, a cada aprendizagem, a cada experiência nos transformamos e nos construímos como sujeitos, porém possuímos singularidades que permanecem mesmo com o decorrer do tempo, aquilo que nos constitui e nos faz ser únicos e isso carregamos conosco durante toda a vida.

Retornando ao que foi observado. Após todos terminarem de desenhar a professora ensinou aos alunos como fazer os tons de uma cor usando tinta guache. Os alunos teriam que escolher uma cor – verde, amarelo, azul, vermelho – para misturar com a cor branca para obter tons mais claros e com o preto para obter tons mais escuros. Pintariam o desenho com uma só cor porém com variados tons. E foi o que eles fizeram. Abaixo as produções dos alunos:



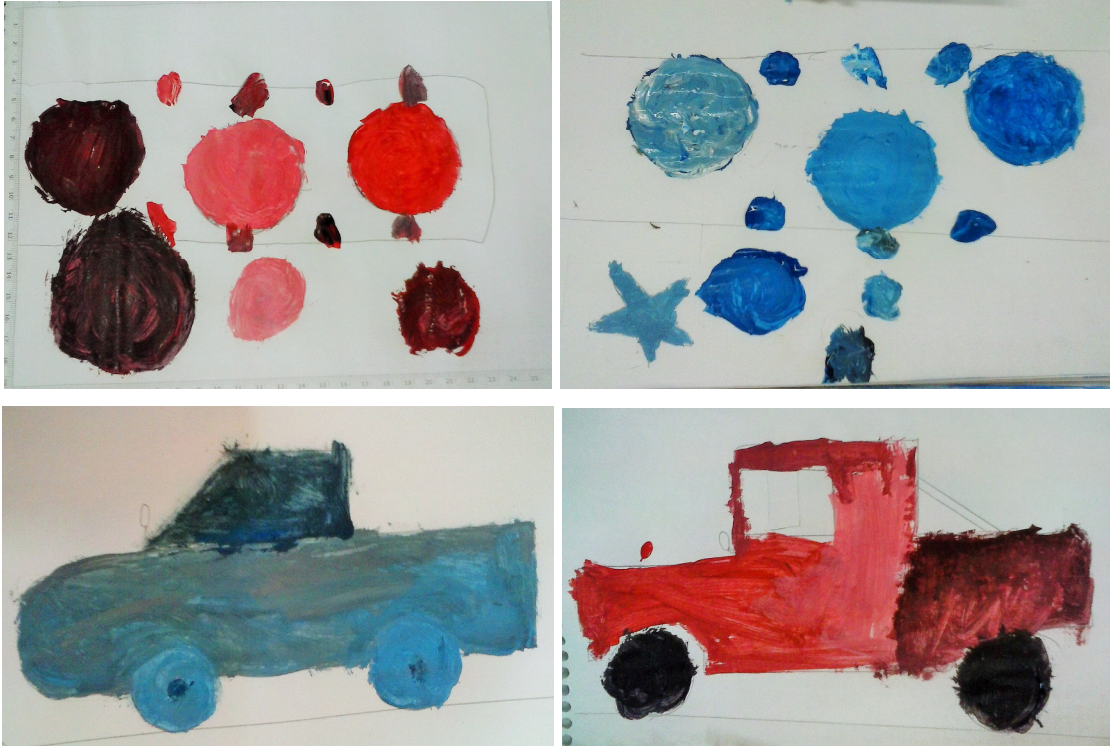


Figura 5 – Monocromia e tons, Ensino Fundamental I.
Fonte: Acervo da acadêmica.

No outro encontro a professora trabalhou com a policromia e o ritmo no desenho. Passou no quadro um pequeno texto sobre onde o ritmo está inserido na vida humana e no desenho, após todos os alunos copiarem explicou-lhes o que é ritmo e lembrou-os o que era policromia já explicada na aula anterior. Após pediu-lhes para fazerem um desenho empregando o ritmo, ou seja, repetir as formas, linhas, cores, porém para pintar usariam três cores, assim trabalhando também a policromia, ou seja, o uso de várias cores. Desta vez para pintar o desenho utilizaram o lápis de cor.

Nesse dia ouvi expressões como:

_Professora, eu quero fazer igual o desenho dele. (Fala do aluno se referindo ao desenho de outro colega)

_Não pode fazer igual, você tem que fazer o seu, pensa em alguma coisa para fazer. (Resposta da professora)

E apesar da professora pedir para que os alunos fizessem desenhos diferentes uns dos outros, os alunos realizaram desenhos similares aos dos colegas.

Assim como ocorreu nos desenhos do encontro anterior. Abaixo as produções feitas pelos alunos.

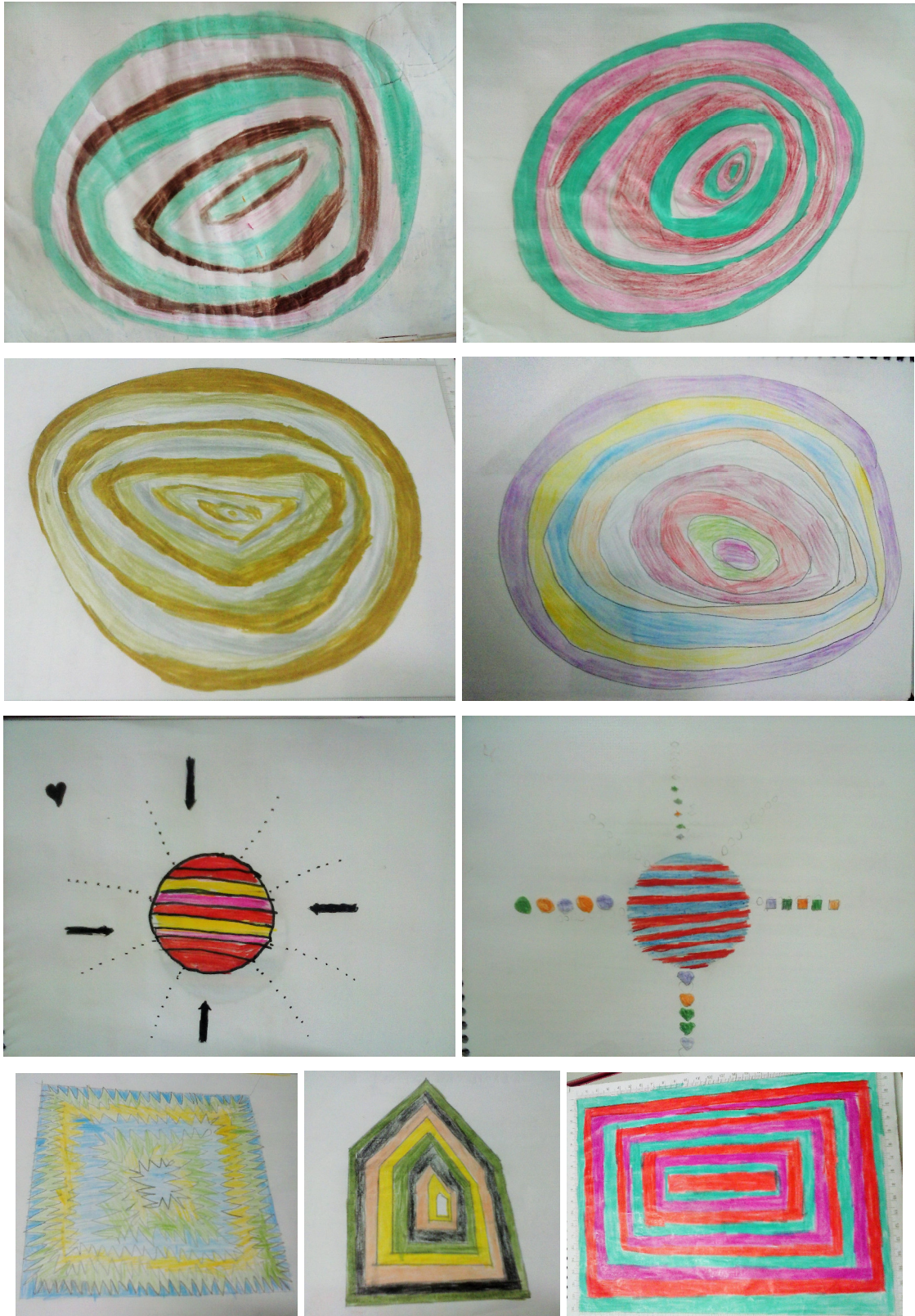


Figura 6 – Policromia e ritmo no desenho, Ensino Fundamental I.
Fonte: Acervo da acadêmica.

As imagens comprovam a similaridade nos desenhos dos alunos. Eu como futura professora de Artes senti incômodo vendo essa ação da cópia na sala. Considero necessário refletir e pensar em ações para mudar essa realidade nas aulas, pois a imaginação e a criação fazem parte e é necessária para todos nós seres humanos. E apesar deste ato de copiar e das falas dos alunos acredito que todos de algum modo sabem – da maneira deles - desenhar e possuem criatividade. Pude notar que eles se prendem demais no fazer bonito, no fazer perfeito, ou seja, quando desenhavam queriam que traços, linhas, pontos sejam belos, nada de desenho tortos e borrados. Quando isso acontece e os alunos se veem criando algo diferente, não padronizado, surge neles um estranhamento e logo esse estranhamento faz com que aquilo que criaram se torne feio. Penso que esses sentimentos vão sendo arraigados nos alunos por meio da escola, professor, sociedade conforme o passar do tempo, assim eles passam a acreditar que aquilo que possui formas, tamanhos, características não tão comuns é vista como algo inusitado. No Ensino Fundamental I, diferentemente da Educação Infantil, as crianças começam a ser avaliadas com notas e segundo as autoras já citadas nesta pesquisa Ferreira e Silva (2001, p. 147) é normal encontrarmos:

[...] escritos nos desenhos das crianças os conceitos *bom, muito bom, melhorar, ótimo, péssimo, errado, certo, feio, bonito* ou ainda “A tia está triste com você”, que deixam a criança completamente desinformada sobre critérios que conduziram tal julgamentos e sem saber como proceder nas próximas atividades artísticas. A imprudência desse procedimento pedagógico também está no fato de que o mesmo professor que avalia é aquele que pode desenhar tanto quanto a criança ou de forma até mais inábil do que ela.

Penso que a criação e a habilidade se constrói através da prática e dos nossos conhecimentos e experiências. O hábito de desenhar permite o desenvolvimento da capacidade de traçar, pontilhar, colorir, assim passamos a ser mais autônomos, e o temor de realizar produções artísticas vai diminuindo, pois muitos alunos preferem copiar por que acham que não sabem desenhar.

Os alunos vivem em uma sociedade em que só se é aceitável (coisas e até mesmo pessoas) quando se tem beleza ou esteja dentro dos padrões. E quando não se obtém surgem os preconceitos. É importante os professores trabalharem esses conceitos com seus alunos desde o início da vida escolar, assim os alunos poderão se tornar mais críticos em relação a essas concepções. Os professores têm

que tomar cuidado para não motivar a ampliação desses pensamentos que tudo o que é exótico, inusitado não é admissível, isso, às vezes, é um erro de nós adultos, pais, professores, sociedade que transmitimos aos pequenos esses preconceitos fixados em nós, mesmo que digamos que não os possuímos. Barbosa (2007, p. 138) traz em sua fala que:

O ingresso na escola de ensino fundamental representa, em muitos casos, a formação prática e instrumental, pois nela está presente uma dissociação entre real e imaginário; deixam-se de lado a alegria, a dança, a materialidade e as cores. Os contos, as poesias, as brincadeiras tonam-se marginais e o mundo do imaginário precisa ficar de fora, pois a escola, [...] está mais preparada para formar trabalhadores e cidadãos do que poetas.

Concordo com Barbosa nessa fala, quando o aluno sai da Educação Infantil e ingressa no Ensino Fundamental muito do imaginário deles é deixado de lado, passam a ter outras responsabilidades, outras prioridades. No primeiro ano deste grau de ensino está direcionado quase totalmente no aprender a ler e escrever, e os alunos vão sendo moldados no mundo real, já o mundo imaginário deles já não é mais tão praticado e esse mundo adormece dentro do aluno.

Nos dois encontros acima fiquei um pouco triste já no encontro seguinte, a aula se deu de uma maneira avessa as observadas anteriormente. Neste, a professora trabalhou os tipos de desenhos sendo eles o de memorização, de observação e criativo (desenho livre e dirigido). Passou no quadro um pequeno texto sobre as diferenças entre os desenhos de observação, de memorização e criativo (desenho livre e dirigido), esperou que todos copiassem e explicou as diferenças de cada um deles.

Após pediu para que os alunos em seus cadernos de desenho realizassem um desenho de memorização, algo ou alguém que estavam em suas memórias, que gostavam ou não, que fazia parte de sua vida. Neste dia não ouvi expressões dos alunos que não sabiam fazer e nem os vi levantar de suas carteiras para copiar dos colegas, apenas ouvi eles perguntarem para a professora se podiam fazer isso ou aquilo, demonstrando um pouco de insegurança e com a resposta da professora eles garantiam ou não se aquilo que eles pensavam em fazer estava certo ou errado e começavam a fazer. Alguns resultados deste dia estão nas imagens abaixo.

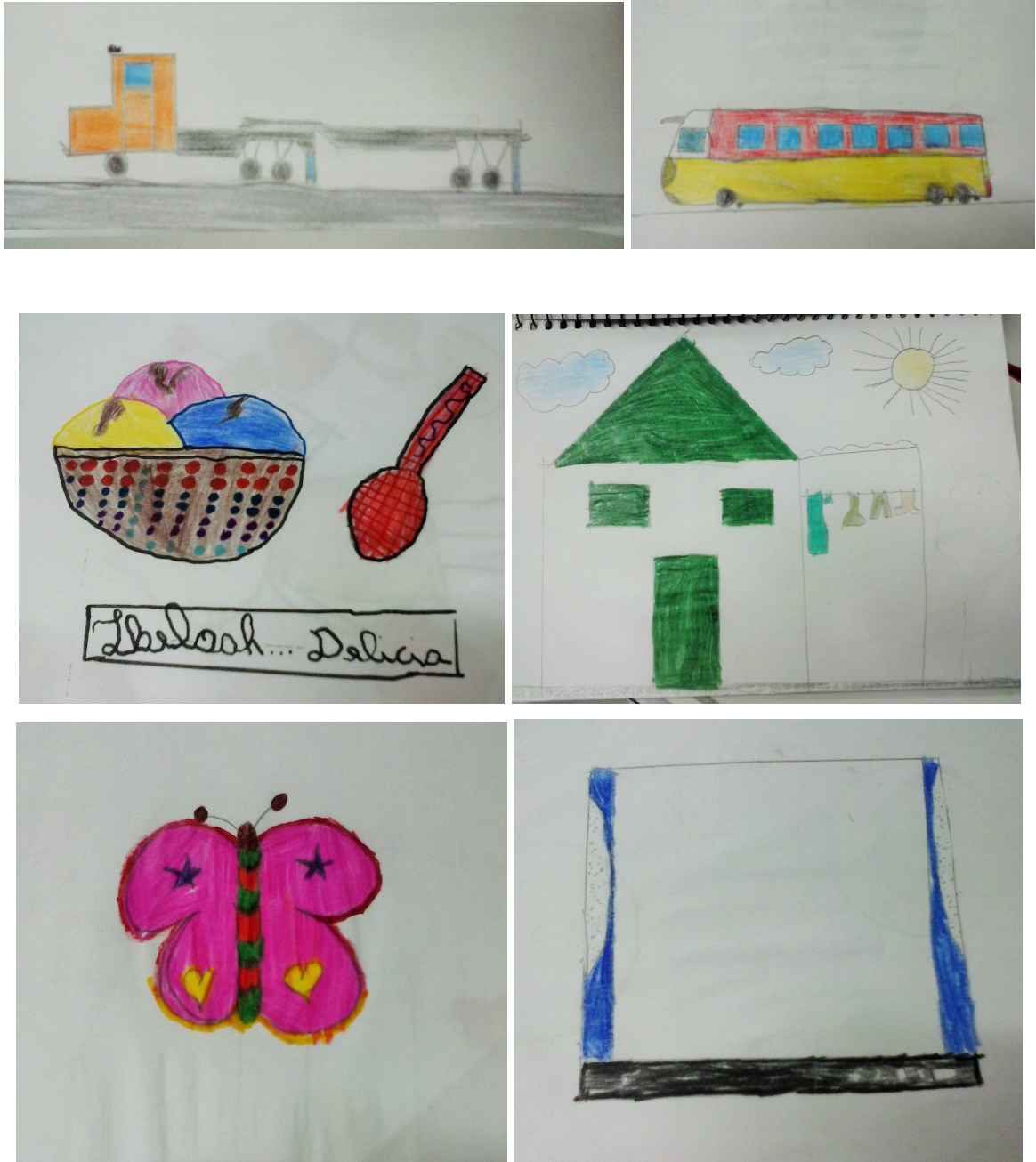


Figura 7 – Desenho de memorização, Ensino Fundamental I.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Podemos perceber que na atividade acima os alunos passaram a usar mais a sua imaginação e criar a partir dela. Não puderam fazer cópias, pois as memórias de cada aluno são únicas. Eles vivem em lugares, casas, pessoas diferentes, assim cada aluno pôde mostrar também a realidade em que vivem e as coisas que fazem parte de suas vidas.

Nas observações no Ensino Fundamental II foram trabalhados os conteúdos luz e sombra, caricatura e cartum.

A professora passou no quadro um pequeno texto sobre os tipos de sombras (esfumato, pontilhismo, hachuras e chapado), após explicou a diferença entre elas e apresentou aos alunos as diferentes numerações e durezas dos lápis de grafite B que se usa para desenhar e dar efeitos de luz e sombra. O conteúdo luz e sombra foi trabalhado por meio do desenho de observação, onde os alunos teriam de olhar para um objeto e desenhá-lo empregando nele a luz e a sombra que o mesmo refletia. Alguns alunos levaram para a aula algum objeto, pois a professora havia solicitado que o levassem na aula anterior, outros não levaram, por isso teriam de usar algum objeto que traziam consigo para a escola, que foi em grande maioria objetos escolares. Abaixo as produções dos alunos.



Figura 8 – Luz e Sombra, Ensino Fundamental II.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Em outro encontro foi trabalhado a caricatura. A professora passou um pequeno texto no quadro sobre caricatura e explicou o que é caricatura e como é feita, ou seja, um desenho de uma pessoa com exageros das características e formas. Após forneceu revistas para os alunos para que pudessem achar imagens de pessoas, através dessas imagens os alunos produziram as caricaturas. Abaixo algumas das produções.



Figura 9 – Caricaturas, Ensino Fundamental II.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Em outro encontro os alunos trabalharam o cartum. A professora passou um pequeno texto sobre o que é o cartum e charge, após explicou a diferença entre eles, mostrando exemplos dos mesmos impresso da internet. Após pediu para que pensassem e fizessem um cartum. Os alunos inicialmente não sabiam o que iriam fazer, acharam uma atividade difícil, alguns demonstravam desânimo com a mesma. Vendo a dificuldade e o desânimo dos alunos a professora sugeriu que pesquisassem na internet cartuns para despertar ideias. Os alunos começaram a fazer nesta aula e terminaram o restante da atividade em casa. No encontro seguinte trouxeram pronto para mostrar para a professora. Abaixo as imagens dos cartuns.



Figura 10 – Cartum, Ensino Fundamental II.
 Fonte: Acervo da acadêmica.

Neste grau de ensino foram trabalhados mais os elementos e técnicas do desenho. Na atividade de luz e sombra os alunos tiveram menos oportunidade de se expressar e criar, pois a luz e sombra foi trabalhada no desenho de observação e nele transfere-se para o papel a forma, textura, iluminação, cor do que está sendo observado, representando exatamente como nossos olhos o veem. Na caricatura a

possibilidade de imaginação e criação aumenta um pouco mais, pois apesar de na caricatura trabalhar o exagero das características já existentes de alguém, aquele que a faz, aqui o aluno, tem de ter um olhar atento para escolher o que exagerar, ele quem irá imaginar e criar esses traços utilizando ou não a cor. São conteúdos que dão um pouco de limitação no fazer criativo, porém nas artes eles são importantes e precisam ser trabalhados e aprendidos, pois a técnica também é necessária para aprimorar o fazer artístico. Já no cartum os alunos tiveram maior oportunidade de se expressar. Claro que podemos notar nas imagens acima que alguns cartuns feitos pelos alunos tiveram inspiração em produções já existentes nas redes sociais e internet, como é o caso do cartum com memes e com o homem pescando uma bota no rio. Apesar desse indício de cópia, foi proporcionado nesta atividade o pensar, imaginar e o criar, onde o aluno deveria fazer um desenho humorístico que mostrasse a realidade do cotidiano da sociedade, em grande maioria acompanhados de legendas. Alguns falaram sobre relacionamentos, outros da poluição, da escola, da falta de água em alguns lugares, etc. Acredito que a atividade possibilitou o conhecimento e a reflexão de tais assuntos, conhecer e compreender o que está acontecendo no nosso país e no mundo é de grande importância, enriquece os saberes dos alunos e quanto mais saberes e mais experiências, mais será o poder de imaginação e criação. Para a autora Almeida (2001, p. 23-24) já trazida nesta pesquisa:

Ao trabalharem com artes, os alunos desenvolvem habilidades específicas. Aprendem a lidar com materiais, ferramentas e equipamentos e com os elementos constitutivos de cada uma das artes – sons e silêncio, no caso da música; cores, formas, texturas e volume, nas artes visuais; gestos, movimentos e pausas, na dança; palavras e silêncios, expressões, gestos e movimentos, no teatro. À medida que passam a dominar a técnicas que lhes possibilitem manejar esses elementos para conceituar e expressar ideias, os alunos ficam mais confiantes, porque se tornam mais habilidosos e competentes no campo das artes. A confiança em si mesmo é elemento importante na construção da auto-estima, e esta pode ser mais uma das justificativas para trabalhar com as artes na escola.

Concordo com a autora quando fala que as habilidades a técnica ajuda o aluno a ser mais confiante ao trabalhar as artes. Eles não ficam naquele temor de não saber realizar as diversas linguagens que a arte possui, acredito que isso possibilita um melhoramento e crescimento da criação.

Nas observações do Ensino Médio foram trabalhados os artistas Luciano Martins e com o grupo musical O Teatro Mágico.

A obra trabalhada do artista Luciano Martins foi a intitulada “Arte no Peito”² (Figura 11), a professora apresentou o artista e obra do mesmo aos alunos, explicando posteriormente sua intenção de atividade.



Figura 11 – Obra “Arte no Peito”, Luciano Martins, 2012.

Fonte: <https://loftmadeinbrasil.wordpress.com/2012/05/28/arte-no-peito-por-luciano-martins/>

A atividade consistia em os alunos fazerem um desenho em uma representação de camiseta impressa pela professora conforme mostra a (Figura 12), expondo nessas ilustrações/desenhos algum acontecimento importante que marcou de algum modo a vida dos alunos. Esse acontecimento poderia ser bom ou ruim. Também poderiam desenhar algo que fazia parte de seu cotidiano constantemente como hobbies, coleções, etc. A professora levou os alunos no pavilhão da escola para realizar a atividade e pude perceber que os alunos gostavam da aula fora da sala de aula, pareciam ficar mais à vontade. Após terminarem de desenhar e pintar, a professora disse-lhes que essas camisetas seriam expostas em varais no pavilhão da escola.

² Luciano Martins criou 18 telas para o ambiente Loft Made in Brasil, da arquiteta Juliana Pippi na Casa Cor SC. O conjunto da obra final, feita com ilustração vetorizada sobre tecido, leva o nome de “Arte no Peito”. E sua criação veio através do briefing da arquiteta. “Quando a Juliana me passou que seria para colocar na parede onde fica o closet, logo pensei em roupa...”, disse. As ilustrações que estão estampadas nas camisetas fazem parte do trabalho de licenciamento do artista, que gosta muito quando elas se transportam para seus quadros, fazendo o caminho inverso. Essas 18 telas parecem se comunicar com todo o ambiente. E o resultado foi surpreendente. Fonte: <https://loftmadeinbrasil.wordpress.com/2012/05/28/arte-no-peito-por-luciano-martins/>

Muitos alunos me impressionaram com sua imaginação e criatividade. Já outros ficaram na costumeira cópia, aqui a cópia não acontecia através do desenho de outro colega como aconteceu no Ensino Fundamental II, neste nível de ensino a cópia surgia através de materiais tirados da internet, pois acredito que atualmente a internet é disponível para a grande parte dos alunos e ela está presente e inserida fortemente na vida dos jovens. Nesta atividade ouvi expressões como:

_ Eu quero ir na informática para ver como é que se desenha um cachorro”.

Demonstro a presença da internet também na (Figura 12).

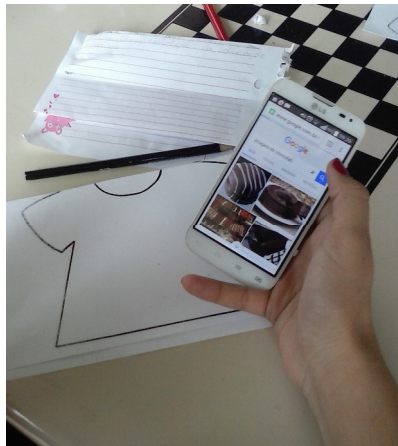


Figura 12 – representação de uma camiseta disponibilizada pela professora e o uso da internet.
Fonte: acervo da acadêmica.

Vendo esses movimentos questionei alguns alunos. A uma aluna que já havia desenhado um sapo, perguntei se foi ela mesmo quem criou tal sapo, pois notava-se que o sapo desenhado era cópia da internet e para garantir minha dúvida fiz a pergunta e ela me respondeu:

_ Eu tirei da internet, mas não passei por cima, eu mesma quem fiz, só olhando.

Essa mesma resposta foi me dada por alguns outros alunos quando os questionei sobre seus desenhos. Abaixo o desenho do sapo desta aluna e a imagem que pesquisando na internet encontrei que possivelmente foi a que a aluna usou para realizar a atividade.

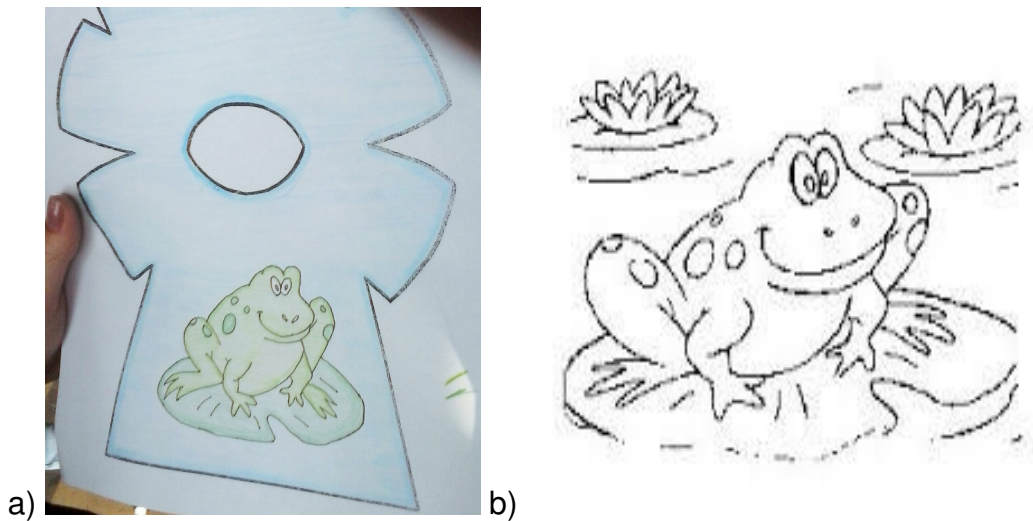


Figura 13 a) – Desenho da aluna Ensino Médio inspirados no artista Luciano Martins
Fonte: Acervo da acadêmica.

Figura 13 b) – Imagem tirada da internet.

Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/verdesenho.php?codigo=226>

Como alguns alunos me falaram que haviam feitos desenhos que tiraram da internet, fiz uma pesquisa desses desenhos para ver se encontrava-os. E trago abaixo esses desenhos.

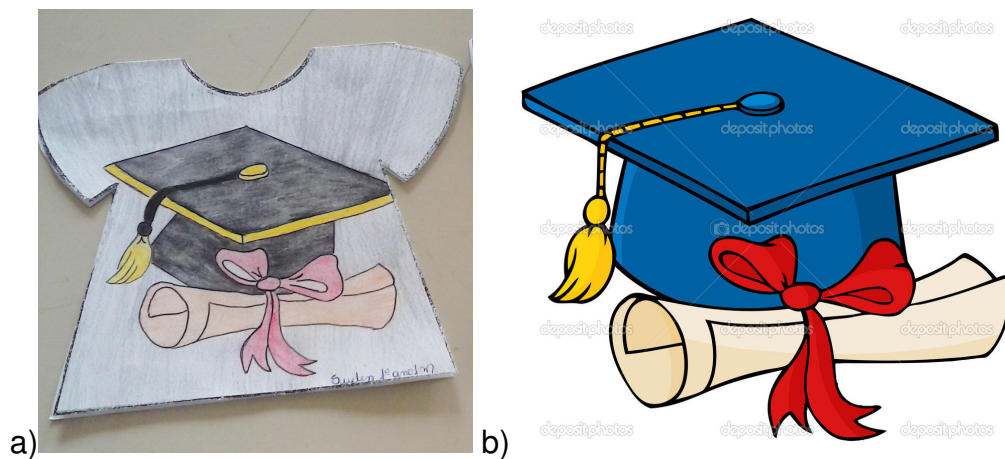


Figura 14 a) – Desenho dos alunos Ensino Médio inspirados no artista Luciano Martins.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Figura 14 b) – Imagem tirada da internet.

Fonte: <http://pt.depositphotos.com/7277133/stock-photo-graduate-blue-cap-with-diploma.html>

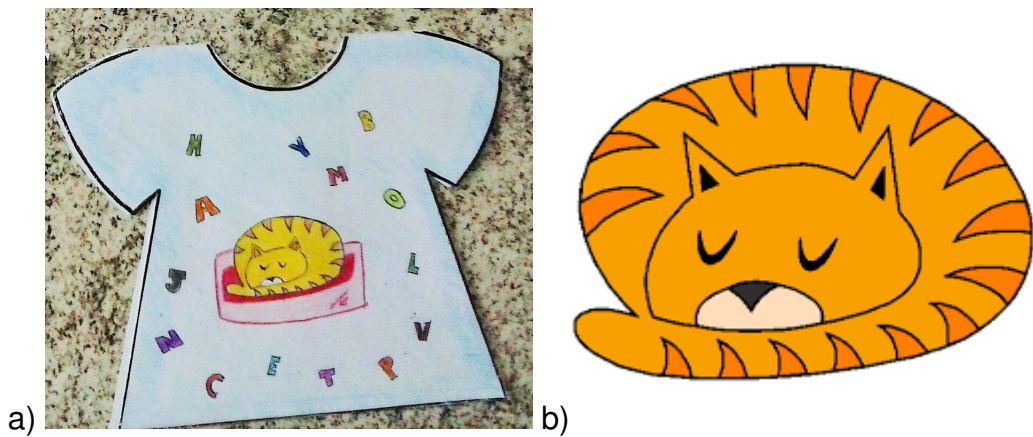


Figura 15 a) – Desenho dos alunos Ensino Médio, inspirados no artista Luciano Martins.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Figura 15 b) – Imagem tirada da internet.
Fonte: <http://galeria.colorir.com/animais/gatos/gato-a-dormir-pintado-por-laura-61338.html>

Essas imagens acima foram alguns desses casos de cópia da internet. Apesar desses alunos praticarem esta ação de cópia, outros usaram a imaginação para criarem por si só. As produções dos demais alunos estão na figura abaixo.



Figura 16 – Desenho dos alunos Ensino Médio, inspirados no artista Luciano Martins.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Percebi que esta proposta poderia ser bastante enriquecedora se não fosse a ação da cópia, teve até casos onde alunos imprimiram um desenho e depois passaram o lápis por cima passando os traços para a camiseta ilustrada para a realização da atividade. Copiar é mais cômodo, porém a comodidade não nos agrega quase nada. Os alunos aqui deveriam falar um pouco de si do modo que soubesse desenhar, porém eles falavam de si através de criações de outros. Pude perceber que a professora dava bastante liberdade para eles criarem, incentivava-os a não copiar. A atividade parecia ser uma boa ideia, os alunos poderiam falar e expressar um pouco mais e, porém houve a cópia e fiquei pensando no que ocasionou este problema na atividade. E se a professora tivesse usados outros meios para realizar a mesma atividade como por exemplo outro artista ou outra obra? Ou ter apresentado mais de um artista e mais de uma obra ampliando o repertório do aluno? Essa troca ou esse aumento poderia ter propiciado maior proveito a proposta. Almeida nos diz que:

O que podemos aprender ao longo de nossas vidas está diretamente relacionado a nosso repertório de experiências. [...] criar oportunidades para que os alunos entrem em contato com as mais variadas formas de música dança, teatro, artes visuais – desde que tenham qualidades estéticas a serem apreciadas -, evitando preconceitos em relação a produções mais populares ou étnicas. Não podemos reproduzir na escola o que os meios de comunicação impõem, uma vez que o que vale neles é o critério de mercado e não a qualidade do produto (ALMEIDA, 2001, p. 16)

Os professores as vezes fazem escolhas equivocadas do repertório ao ensinar e realizar uma atividade, quando isso acontece, suas escolhas passam a ser insustentável para a concretização de uma proposta.

Na outra atividade, que aconteceu por meio da distribuição de frases das músicas do grupo musical brasileiro O Teatro Mágico, se deu diferentemente da anterior. A aula seguiu da seguinte maneira, a professora distribuiu as frases impressas de algumas músicas do grupo e pediu que os alunos fizessem um desenho a partir das frases. Os alunos fizeram o que a professora lhes solicitou, começando a imaginar o que desenhariam e transferindo seus pensamentos com relação a frase no papel. Abaixo alguns dos desenhos feitos pelos alunos.



Figura 17 – Desenho dos alunos Ensino Médio, inspirados nas músicas do grupo O Teatro Mágico.
Fonte: Acervo da acadêmica.

Muitos dos alunos não conheciam o grupo musical e nem suas músicas, portanto tiveram que criar a partir do que a frase queria dizer e de como eles a entendiam. Percebi que nesta atividade foi possibilitado ao aluno a estimulação da imaginação e criação. Me pareceu uma atividade tranquila de se fazer. Fiquei surpresa pela facilidade de desenhar de alguns alunos, notando que são hábeis e

que devem praticar o desenho não só na escola mas em casa também, com isso me alegrei. Acredito que o adolescente já possui sua imaginação e criatividade bem desenvolvido, só não são acostumados a praticá-los, a não ser na escola. Portanto nas aulas de Artes é necessário dar possibilidade ao aluno de descobrir novas formas de pensar e de se expressar, permitindo que o aluno imagine, crie e encontre novos caminhos. No ensino médio o aluno precisa consolidar e aprofundar os conhecimentos que vem conhecendo desde o Ensino Fundamental. Segundo o PCN (BRASIL, 2001, p. 179):

É papel do ensino médio levar os alunos a aperfeiçoarem seus conhecimentos, inclusive os estéticos, desenvolvidos nas etapas anteriores. Por isso, é importante frisar o valor da continuidade da aprendizagem em arte nessa etapa final da escolaridade básica, para que adolescentes jovens e adultos possam apropriar-se, cada vez mais, de saberes relativos à produção artística e à apreciação estética. Com a vivência em arte e a extensão dos conhecimentos na disciplina, os estudantes terão condições de prosseguir interessados em arte após a conclusão de sua formação escolar básica.

É importante que todo aluno depois de terminar o Ensino Médio pratique as linguagens das artes, pois as artes além de propiciar momentos de relaxamento, diversão e devaneio, ela é indispensável visto que contribui na formação do sujeito, permitindo que o aluno conheça a si mesmo, o outro e o mundo, pois já sabemos que a arte está ligada fortemente com a cultura.

Os professores devem ampliar o que os alunos já sabem, oportunizando experiências novas e significativas, deixando que eles se transformem e cresçam humano e intelectualmente, dando liberdade e respeitando o tempo de desenvolvimento e transformação de cada um. Comparo os alunos e também todos os seres humanos com as lagartas que se transformam em borboletas, quando no estado de lagarta conhece poucos jardins e alimenta-se de folhas, quando borboleta, tem-se a oportunidade de explorar muitos jardins, muitas flores alimentando-se de seu néctar. Quanto mais “jardins” os alunos conhecerem mais poderão alimentar seu repertório de conhecimento.

5. A BORBOLETA: UMA AVENTURA POR VÁRIOS JARDINS - PROPOSTA DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Artes Visuais – Licenciatura é tido como componente curricular obrigatório. Segundo a DCN³ de Artes Visuais (2009, p. 3), o Trabalho de Curso deve conter “ a) uma monografia sobre o tema das Artes Visuais, b) um projeto de curso a ser ministrado sobre esse tema, c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio”.

Como trago o problema de pesquisa: **de que forma motivar os alunos à serem mais autorais no exercício de seu fazer artístico, considerando sua autonomia?** Esta proposta visa ampliar o repertório artístico e cultural dos alunos das escolas públicas da cidade de Jacinto Machado, onde penso que a partir do crescimento e disponibilização de conhecimento do novo, os alunos possam se tornar autores daquilo que criam. Não tendo a necessidade de praticarem a cópia nas aulas de Artes obtendo, assim, um resultado de aprendizagem mais enriquecedor.

A proposta tem como **ementa**: Arte e suas linguagens. O repertório artístico e a imaginação. A criação, a autoria e a autonomia.

A **carga horária** será de 40 horas, um circuito de arte trabalhando com todas as linguagens artísticas durante uma semana. O **público alvo** serão os alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas públicas do município de Jacinto Machado.

No decorrer da realização desta pesquisa pude perceber que a cópia está presente em muitos momentos nas aulas de Artes, principalmente nas atividades que envolvem o desenho e acredito que esse fato acarreta um incômodo em todo professor de Artes, assim como me senti incomodada e um pouco triste quando me deparei com essa realidade. Compreendo o desenho como uma forma de expressão, onde pode-se trabalhar as emoções, pensamentos, o cotidiano através da visão dos alunos sobre as crenças e costumes da cultura em que estão inseridos. Segundo Derdyk⁴:

³ BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes curriculares nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Brasília, 16 de janeiro de 2009.

⁴ DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 3ª ed. Scipione: São Paulo, 2004.

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma idéia, uma imagem, um signo, através de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico-de-pena, vareta, pontas de todas as espécies (DERDYK, 2004, p. 18)

Vejo então o desenho como uma forma de comunicação, como a fala ou a escrita, porém o desenho se comunica através de símbolos. Geralmente é apenas nas aulas de Artes que praticamos o desenho, e é nesta aula que os alunos normalmente se sentem mais soltos, são propiciados a eles momentos de muita liberdade de expressão e criação, permitindo que imaginem e reflitam sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. É permitido e quisto que coloque em suas produções aquilo que já viveu, o que conheceu e aprendeu, passando a se sentir autor do que criou. Irene Tourinho⁵ nos diz que:

A liberdade do artista e de criação é uma quimera. A percepção e a reflexão também podem ser criativas. [...] Na escola, a necessidade joga com a liberdade e é assim que que estas dimensões se confrontam, se completam e se reconstroem dentro e fora dela. Aprender. Aprender arte é necessário e exige persistência, consistência, determinação e competência. Exige integrar o lúdico e o imprevisível contrariando a lógica comum da escolarização (TOURINHO, 2005, p. 113).

Só assim, a arte passa a ser significativa para o aluno, assegurando ao aluno seu crescimento intelectual, cultural, humano. A arte possibilita a ampliação da visão de mundo para além daquela que os alunos estão habituados, mudando e transformando formas de pensar e perceber.

Isso se dá em grande parte na escola através do professor, quando ele propicia ao aluno o conhecimento do desconhecido, ampliando o repertório dos pequenos, dos adolescentes, permitindo a descoberta de novos mundos. Essas descobertas se tornam novas experiências, passando a tocá-los e quando isso acontece promove no aluno o despertar da imaginação e da criação.

Esta proposta tem como **objetivo geral** contribuir com o desenvolvimento da autoria nas criações dos alunos de todos os níveis de ensino, por meio da ampliação de repertório das linguagens artísticas. E como **objetivos específicos**:

⁵ TOURINHO, Irene. Perguntas que conversam sobre educação visual e currículo. In OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005. 231 p.

ampliar o conceito de arte dos alunos; possibilitar experiências significativas por meio das várias linguagens da arte; proporcionar momentos de criação, imaginação, reflexão e socialização; promover a ampliação do repertório artístico e cultural dos alunos;

Como proposta trago um **Circuito de Arte na Escola**, podendo acontecer no espaço escolar ou em outros lugares da cidade de Jacinto Machado. A ideia consiste em uma parceria entre as escolas e a prefeitura para se unirem e trazerem durante uma semana para a cidade obras e artistas que trabalham com as diferentes categorias de linguagens artísticas, sendo elas: pintura, escultura, gravura, desenho (contemporâneo), dança, cinema, fotografia, serigrafia, teatro, instalações, cerâmica, música. Obras e artistas das cidades próximas, sabe-se que há uma boa porcentagem deles nas proximidades, escultores, pintores, dançarinos, músicos e outros, procurar artistas do próprio município também, contemplando a cultura local.

Os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I participarão do **Circuito de Arte na Escola** no período matutino, já os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio participarão do circuito no período vespertino, para melhor atender a cada faixa etária. Nas manhãs assim como nas tardes serão apresentadas duas das muitas linguagens artísticas, porém elas serão trabalhadas de forma diferenciada considerando as idades dos alunos.

No primeiro dia serão trabalhadas a gravura e a escultura. No segundo dia a fotografia e o teatro. No terceiro dia o desenho e a pintura. No quarto dia a música e a dança. Essas linguagens serão apresentadas com divisões, contendo momentos de teorias, práticas, mediação, criação e socialização. Os artistas trabalharão juntamente com os professores de Artes para proporcionar esses momentos aos alunos.

Em todas as atividades serão disponibilizados os materiais necessários para sua realização. Serão oferecidos materiais de variados tamanhos, durezas, cores, formas, facilitando o fazer do aluno e propiciando a ele o conhecer de materiais que geralmente não são comuns nas aulas de Artes na escola, pois não há disponibilidade dos mesmo na unidade escolar.

No quinto e último dia do circuito, será disponibilizado aos alunos um lugar para exporem suas produções feitas durante a semana. Nesta exposição poderão convidar seus familiares, amigos e comunidade para apreciarem o que foi criado por eles. Com isso será concedido aos alunos e aos visitantes um momento

de pensar, de refletir, de descobrir e de conhecer, assim valorizando aquilo que o aluno produziu.

Com isso o aluno se sentirá mais incentivado a criar e ser autor de suas produções. O circuito de arte proporcionará o conhecer de coisas novas vistas de perto, outros mundos a descobrir e explorar. Então a borboleta se sentirá com liberdade para abrir suas asas e voar para se aventurar em vários outros jardins.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EU BORBOLETEANDO

Percebi durante a pesquisa feita na escola que os pequenos da Educação Infantil desenham conforme sua vontade e gostos ou influência do que veem. Fazem linhas, traços, pontos, círculos da maneira que sabem e acham tudo bonito, tudo é novo para os pequenos, brilham os olhinhos deles quando chega a hora da aula de Artes. Já os alunos do Ensino Fundamental I desenham imagens do seu dia a dia, geralmente a natureza já que moram em cidade interiorana. Em sua maioria são influenciados pelos colegas (querendo fazer os desenhos igual ao outro), pois já começam a se preocupar com o belo e para alguns o desenho do colega sempre é mais bonito do que o seu. No Ensino Fundamental II trabalharam bastante com as técnicas do desenho, os alunos já possuem um poder de criação maior, querem ser diferentes dos outros colegas, coisa normal da adolescência e isso reflete em suas produções. Neste nível de ensino, durante o tempo que observei, não percebi o problema da cópia. No Ensino Médio pude notar que os alunos são bastante influenciados pelas tecnologias, por que acredito que o uso da internet, do celular, do computador é algo muito presente no cotidiano deles, apresentando em suas produções artísticas muitas coisas que encontramos nos meios de comunicação digital.

Na trajetória desta pesquisa pude constatar que o problema está num conjunto de ações, tanto do professor como do aluno. Percebi que as aulas ainda são ministradas de uma maneira um pouco tradicional e o modo como são trabalhados ocasionalmente alguns conteúdos, não permitem ao aluno exercitar sua autonomia no ato de criação e assim surge a impossibilidade da autoria em suas produções. Se as escolhas daquilo que será ensinado forem inadequadas nas aulas de Artes simultaneamente acontecerá a cópia por parte do aluno. Penso que para que isso deixe de acontecer é necessária uma postura da escola, do professor e do aluno na busca de construção dos seres sensíveis. A arte é pensamento, é construção de conhecimento e à medida que os alunos se perceberem pensantes se tornarão autores.

Quando um professor de Artes leva conteúdos para serem debatidos em sala, ele já pensa em algo que motive os alunos a pensar, refletir, expor opiniões e críticas, levantar questionamentos, isso é propiciar momentos para aguçar a imaginação oferecendo espaço para que eles possam atribuir originalidade às

próprias criações.

Mas será que o professor tem a potencialidade de sempre fazer com que as escolhas de conteúdo que ensinará aos seus alunos aconteçam de uma forma satisfatória? Os artistas, as linguagens artísticas, os materiais selecionados por ele para realizar as propostas de aula são sempre relevantes e instigam os estudantes a serem reflexivos, críticos, autores e autônomos? Com certeza ninguém é perfeito, nem o professor. Algumas propostas de aula que os professores oferecem aos alunos podem vir a estimulá-los de uma maneira avessa ao que esperava e ansiava, como por exemplo os resultados não tão criativos e autorais das produções artísticas realizadas pelos alunos que participaram dessa pesquisa.

Isso pode ocorrer quando algo nas propostas de aulas tem a capacidade de limitar o aluno, não permitindo que a imaginação fique solta, livre para poder criar, acarretando a ação de copiar, reproduzir o que já existe. Por isso é necessário que se tenha um olhar mais cuidadoso para o que será apresentado aos alunos. Quando vejo essa limitação que a escola e o professor oferecem aos alunos, lembro-me de uma pequena história do escritor Rubem Alves, intitulada “A centopeia e o gafanhoto”:

Conta-se que, um dia, um gafanhoto encontrou-se com uma centopeia que descansava no meio da folhagem. “Dona Centopeia, eu tenho pela senhora a maior admiração. Deus Todo Poderoso me deu apenas seis pernas. Para a senhora ele deu cem. Assombra-me a elegância tranquila do seu andar. Todas se movem na ordem certa. Jamais vi uma centopeia tropeçar. Mas, por isso mesmo, tenho uma curiosidade: quando a senhora vai começar a andar, qual é a perna que a senhora mexe primeiro?” “Obrigada pelos elogios, senhor Gafanhoto”, respondeu a Centopeia. “Sua pergunta é muito interessante porque eu mesma, até hoje, nunca pensei no assunto. Sempre andei sem pensar. Perdoe minha ignorância. Jamais fui a escola do andar certo. Não fui conscientizada. Andei sempre em um andar ignorante. Mas agora vou prestar atenção...” Conta-se que, desde esse dia, a centopeia ficou parálitica (ALVES, 2010, p. 243).

A escola e o professor muitas vezes fazem o papel do gafanhoto, onde dão aos alunos modelos a seguir, limitando-os a uma só realidade. O aluno assim como a centopeia não precisa somente do saber consciente, de uma só realidade. Na arte, na criação, o inconsciente e o descobrimento de outros mundos é de grande relevância. Para mim é do devaneio e das coisas novas que os alunos aprendem a criar as coisas mais belas, proveitosas, prazerosas. A exploração dos vários jardins que a arte oferece tornam as aulas mais significativas.

7. REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. A cereja que enfeita o bolo ou o fermento que nos faz crescer? In GONÇALVES, Tatiana Fecchio; DIAS, Adriana Rodrigues (orgs.). **Entre linhas, formas e cores: arte na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

_____, Ana Angélica. Pensando as Artes Visuais na educação. In GONÇALVES, Tatiana Fecchio; DIAS, Adriana Rodrigues (orgs.). **Entre linhas, formas e cores: arte na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 224 p.

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. 255 p.

ANDRADE, Mario de. Do Desenho. In: _____. **Aspectos das Artes Plásticas no Brasil**. 2ª ed. Martins: São Paulo, 1975. Cap. 4, p. 69-77.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Legislação e propostas curriculares: há lugar para a imaginação?. In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2007. 139 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. Ed. Brasília: DP&A, 2001. 130 p.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3ª ed. Scipione: São Paulo, 2004.

DIAS, Gonçalves. Leito das folhas verdes. In BANDEIRA, Manuel Carneiro de Souza. **Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949. 389 p.

FERREIRA, Sueli; SILVA, Silvia Maria Cintra da. "Faz o chão pra ela não ficar voando": o desenho na sala de aula. In FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 224 p.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Ed. Cortez, 1993. 151 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em**

ciências sociais. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: espaços do possível**. Tubarão, SC, 2015. 131 p.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção e criação. In FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 158 p.

_____, Maria Isabel. A criança desenha ou o desenho *criança*? A ressignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. In OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005. 231 p.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000. 173 p.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A PESQUISA NAS ESCOLAS

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **(sugira um título)**.

O (a) sr(a): _____ (Ex: secretário de cultura, Diretor de Escola) Diretor da _____ (Secretaria, Escola, Instituição) foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na **(nome da turma ou série ou escola)**, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos **(seu objetivo geral)**.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica **(seu nome) (se telefone:)** da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor **(seu orientador com telefone)**

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição